

869.5  
F4752i0  
L53  
1893  
cop.2

**A** 467072 DUPL







D/9

300.



AS

# FIGURAS DE LINGUAGEM

DE CARLOS DE FIGUEIREDO

ANÁLISE CRÍTICA

DE PAULO DE SOUZA

Tradução de Carlos de Figueiredo

1970

1970

1970

1970





5/13/64

1/2 mg/100 cc. blood

AS «LIÇÕES DE LINGUAGEM»

(ANÁLISE CRÍTICA)

## Obras philologicas de J. Leite de Vasconcellos

---

- O dialecto mirandês** (obra premiada num concurso da *Sociedade das linguas romanicas* de França), Porto 1882.
- Flores mirandesas** (texto, notas phoneticas e glossario), Porto 1884.
- Linguas ralanas de Tras-os-Montes**, Porto 1886.
- Dialectologia portuguesa** (Contribuições para o seu estudo) — 16 opusculos. Porto, Lisboa, etc. 1883-1892.
- A philologia portuguesa** (esboço historico), Lisboa 1888.
- O texto dós Lusiadas** (crítica philologica), Porto 1890.
- Contribuições para o estudo da linguagem infantil**, Barcellos 1883-1886.
- A evolução da linguagem** (dissertação inaugural approvada *com louvor* pela Eschola Medica do Porto), Porto 1886.
- Instituto de Surdos-mudos de Lisboa**, Lisboa 1889.
- Educação infantil** (noticia bibliographica), Lisboa 1889.
- Dialecto hispano-estremenho** (2.<sup>a</sup> ed.), Barcellos 1884.
- De «Margariti» villa in territorio Vimaranensi commentariolum**, Olisipone 1893.
- 

**Revista Lusitana** (philologia e ethnologia), collaborada por muitos especialistas portugueses e estrangeiros. 2 vol., e para entrar no prelo o 3.<sup>o</sup> vol. Porto 1887-1892.

AS  
«LIÇÕES DE LINGUAGEM»

DO

SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

---

ANÁLISE CRÍTICA

POR

J. ~~LEITE~~ DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de bibliothecario-archivista

---

SEGUNDA EDIÇÃO

(Com um prologo, notas e indice)

---

PORTO

Magalhães & Moniz, Editores

12, Largo dos Loyos, 12

1893

869.5

F475 L10

L53

1893

C2.2

648051-176

AO EX.<sup>MO</sup> SR.

# Ventura Faria de Azevedo

Illustrado Professor do Lyceu Central de Lisboa

Como a um dos poucos que entre nós, no ensino official, dão attenção  
ao methodo glottologico

EM PROVA DE AMIZADE E CONSIDERAÇÃO

O. D. O.

*O auctor.*



## PROLOGO

---

Em 1890 começou o sr. Candido de Figueiredo a publicar no jornal lisbonense *O Portuguez* uma serie de artigos grammaticaes pomposamente intitulados *Lições aos mestres*. Li alguns dos artigos, e como por um lado me desagradasse o tom auctoritario, pretencioso, affectado, com que erão escritos, e por outro lado eu visse que a esse tom não correspondia da parte do auctor nenhuma sciencia philologica, vindo pelo contrário taes artigos a passar da classe de *Lições* para a de verdadeiros *estenderetes* (desculpe-se-me o termo acade-

mico!), tive ideia de fazer noutro jornal algumas observações a proposito d'elles.

Não me movia a isso 'o sr. Candido de Figueiredo propriamente dito, que esse sabia eu que tinha vaidade bastante para não admittir reflexões críticas, nem dar o braço a torcer, ainda mesmo diante da verdade, quando clara como o sol; mas movia-me o público a quem elle se dirigia, e que, composto geralmente de individuos, que, desejando aprender, não sabem ás vezes por onde, nem como, ficava d'este modo, com tão inhabil *mestre* na cáthedra, completamente illudido.

Se não escrevi logo, foi porque me constou que as *Lições aos mestres* ião constituir volume; reservei por tanto a critica para quando o livro sahisse, porque assim ella me sería mais facil de fazer. O livro sahiu em 1891 com o titulo de *Lições práticas de linguagem portugueza*.

Effectivamente, no jornal lisbonense *O Dia*,



em 10 de Agosto de 1891, publiquei o primeiro artigo crítico á cêrca do trabalho do sr. Candido de Figueiredo, artigo a que em breve se seguirão outros, o conjuncto dos quaes constituiu depois um volumezinho de 60 páginas com o titulo de *As « Lições de linguagem » do sr. Candido de Figueiredo (análise critica)*, que não destinei ao commércio, e sómente para presentear amigos.

Analysei com toda a serenidade as *Lições práticas*, unicamente possuido da esperança de acertar, no limite das minhas forças, e conscio de que, indicando, tanto quanto eu podia, qual era o methodo hoje seguido no estudo da glottologia, e qual a natureza dos recursos bibliographicos de que se torna preciso lançar mão, eu prestava a um ou outro estudioso um pequeno serviço. Qual não foi porém o meu espanto quando vi o sr. Candido de Figueiredo interromper n-*O Dia* a minha crítica, primeiro com um artigo regular-

mente amavel para mim, depois com um chuveiro de injúrias, misturadas de numerosos e palmares erros scientificos, e tudo num ar de galhofa contrafeita, como de truão que na arena se sente espicaçado?

Estava travado o combate. Como eu condensei os meus artigos num volume, o sr. Candido de Figueiredo não quis ficar-se atrás, e sahiu-se tambem com folheto, a que impôs um titulo já gasto: *Tosquia de um grammatico!*

É provavel que aquelles individuos, sem sufficiente cultura litteraria e disciplina intellectual, para quem a sciencia não tem character serio, e que seguem com mais interesse uma farfalhice litteraria do que um raciocinio ou a demonstração de uma these, achassem razão ás graçolas impertinentes do sr. Figueiredo, e chamassem *machada* ao que escrevi. Possuo mesmo até certo ponto a prova d'isso no modo como alguns jor-

naes apreciãrão a polemica. Mas *non ragioniam di lor...*

Tantas incongruencias, tanta falta de bom senso, tantos desconchavos, como os que o sr. Candido de Figueiredo accumulou nas suas respostas, levárão-me a retorquir-lhe, o que fiz tambem n-*O Dia*, reproduzindo eu igualmente os artigos, primeiro (em parte) num pequeno volume com o simples titulo de *Réplica*, depois (na totalidade) num opusculo maior, intitulado *O gralho depennado*, que é 2.<sup>a</sup> edição refundida e desenvolvida d'aquelle.

Em seguida, o sr. Candido de Figueiredo, que, como eu já disse, não quer nunca ficar de baixo, veio novamente para a imprensa, já em artigos de jornal, já em um folheto com o curioso titulo de *Golpe de misericordia*. Declaro, no entanto, com toda a franqueza, que não li esses artigos, nem esse folheto: e não li, *primò* porque o

que eu tinha escrito baseava-se em factos, que o sr. Figueiredo era incapaz de destruir; *secundò* porque me disserão que, além de em verdade me não refutar, o auctor, abusando da imprensa, não só introduzia novos e graves erros, mas, tocando por vezes as raias da obscenidade, como já em parte tinha feito na *Tosquia*, continuava a cobrir-me de improperios.

Vem a pêlo indicar mais um facto notavel.

O sr. Figueiredo escreveu na página de rosto do primeiro dos seus folhetos «2.<sup>a</sup> edição», e na página de rosto do segundo escreveu «3.<sup>a</sup> edição», contando como edição a publicação dos artigos nos jornaes *O Dia* e *O Reporter* <sup>1</sup>. Ora, como não é

---

<sup>1</sup> Não se estranhe que aqui lhe chame *O Reporter*, e acima lhe chamasse *O Portuguez*. É com pequena differença um e o mesmo jornal. Denominou-se a princípio *Reporter*, mas, como *Reporter* é palavra inglesa, aquelle jornal, na occasião do *ultimatum*, quando

costume considerar como edição á parte senão um trabalho publicado em volume, vê-se que o sr. Candido de Figueiredo quis mais uma vez, como sempre, armar ao effeito e engodar o público, tentando dar a suppôr que os seus escritos de polemica erão tão saboreados que já se contavão por 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edição!! Quando um auctor, para se fazer valer, recorre a expedientes tão mesquinhos e ridiculos, não devemos realmente ter d'elle senão dó e commiserção.

Estando esgotada a edição do meu opusculo *As «Lições de linguagem» do sr. Candido de Figueiredo (análise critica)*, que me tem sido pedido por varios livreiros e outras pessoas, resolvi fazer

---

todo o país se insurgiu contra a Inglaterra, mudou de nome, passando a intitular-se patrioticamente *O, Portuguez*; depois que a anglophobia serenou, o jornal, aproveitando o ensejo de se fundir com o *Portugal*, retomou o titulo primitivo e barbaro de *Reporter*, que hoje conserva.

2.<sup>a</sup> edição,—mas uma 2.<sup>a</sup> edição verdadeira—. Constitue ella o presente livrinho.

Das *Lições práticas* do sr. Candido de Figueiredo sahiu 2.<sup>a</sup> edição, ao passo que a minha crítica se refere á 1.<sup>a</sup> edição, unica que existia quando eu a escrevi. No presente livrinho mantenho as referencias á 1.<sup>a</sup> edição das *Lições práticas*, porque o meu fim não é avivar a questão, é principalmente satisfazer a curiosidade de alguns bibliophilos, reproduzindo um trabalho cuja edição está exhausta.

Faço ésta nota, porque o sr. Candido de Figueiredo, em harmonia com a minha crítica, emendou na 2.<sup>a</sup> edição alguns dos muitos erros que tinha na 1.<sup>a</sup>, embora elle negasse pouco cortêsmente a influencia salutar das minhas observações: vide sobre este ponto *O gralho depennado*, pag. 39 sqq.

É facil, para quem só possuir a 2.<sup>a</sup> edição das *Lições práticas*, referir a ella as reflexões que fiz

á 1.<sup>a</sup>, porque tanto uma como outra possuem indices alphabeticos.

Conservando eu a minha crítica, como estava, deixo aos leitores a possibilidade de compararem essa crítica com a 2.<sup>a</sup> edição das *Lições práticas*, e verem assim plenamente justificadas todas as accusações que ao sr. Candido de Figueiredo dirige n-*O galho depennado*, de pag. 39 em diante.

Se eu quisesse renovar a questão, e analysar por miudo a 2.<sup>a</sup> edição das *Lições práticas*, podia, além das observações que faço nos 36 paragra-phos d'este livrinho, juntar muitas mais, pois grande número de notas críticas aponteí na minha leitura d'esse livro <sup>1</sup>. Mas a questão está morta. O

---

<sup>1</sup> A 2.<sup>a</sup> edição não é pura reprodução da 1.<sup>a</sup>; além das correções indicadas por mim, e de outras, tem tambem accrescentamentos. Entre estes não posso deixar de me referir a um, azado, como de costume, para provar a falta de senso e de orientação do sr. Candido de Figueiredo. Discute elle a pag. 297 sqq. se se deve

sr. Figueiredo provou a sua incapacidade scientifica, a sua ignorancia philologica, e a sua falta de senso e de seriedade: está pois julgado. E eu attingi o meu fim, que era castigar a filauçia de um atrevido, e prevenir o público contra elle.

Num dos seus artigos disse o sr. Candido de Figueiredo que, se eu não reconhecia auctoridade nelle, tambem, pouco mais ou menos, elle a não reconhecia em mim. A este argumento só respon-

---

escrever *lettra* com dois *tt*, se *letra*, só com um. Para isto baseia-se no latim, e igualmente procura saber se lá mesmo é *littera*, se *litera*. Até aqui estamos bem. Agora, quando o sr. Figueiredo chega ás razões, é que, como de ordinario, estamos mal. Para provar que em latim é *litera* e não *littera*, cita, diz elle, « os textos verificados pelos primeiros humanistas da Renascença ». Mas estes textos e outras razões levirão W. Brambach, no seu *Manual de orthographia latina*, que, apesar de ser a melhor ou uma das melhores obras no assumpto, nem de nome provavelmente é conhecido do sr. Figueiredo, a dizer que a orthographia *LITTERA* é preferivel a *litera*!! Além d'isso,



do o seguinte: na análise, que adiante publico, todas as minhas opiniões vão apoiadas em factos e em raciocínios; sendo uns e outros verdadeiros, ou pelo menos conformes com a sciencia no seu estado actual, o que os leitores podem facilmente verificar nos proprios documentos que cito, nada temos que ver com a *auctoridade*. Quem comparar a minha argumentação, quer com as sentenças auctoritarias das *Lições práticas*, quer com as faccias da *Tosquia*, conclue logo qual de nós dois

---

se *litterae*, como querem Bréal e Bailly no *Diccionario de etymologia latina*, vem do grego λικθέραι, mais uma razão para admittir dois *tt*, pois o primeiro representaria a assimilação do φ: cfr. italiano *dittongo* = diphthongus. Mas, admittindo mesmo que em latim havia *littera* e *littera*, teremos meio de saber, pelas linguas romanicas, qual será a forma que se deve adoptar, e como ha-de pois escrever-se tambem em portuguez? Temos, e bem simplesmente. O sr. Candido de Figueiredo é que, como ignora em absoluto o methodo philologico, não soube achar esse meio. Eu lh'o indico. Está claro que para os Romanos *littera* e *littera* não havião de ter o

é o que pugna sinceramente pela verdade, ou qual é o que só deseja lançar poeira aos olhos do público: se o sr. Candido de Figueiredo, fugindo da philologia para o terreno da chalaça, ou quando muito fazendo citações á toa e vagas, e ás vezes de auctores sem pêso na materia; se eu, circumscrevendo-me sempre nos limites da questão, e baseando-me em factos positivos, apontados além d'isso com toda a minudencia bibliographica.

Nesta nova edição introduzo no texto algu-

---

mesmo valor, porque, conforme uma palavra em latim apresentava uma letra singela ou dupla, assim soffreu differente transformação nas linguas romanicas. Isto é elementar. Ora como um *t* simples latino intervocalico, tanto em portugûes como em hespanhol, em palavras de origem popular, se mudou em *d*, por ex. em *vida* de *vita*, *estrada* de *strata*, *ledo* e *liedo* de *laetus*, *roda* de *rota*, etc., fica manifesto que, se a pronúncia latina fosse *littera* e não *littera*, teriamos em portugûes e hespanhol *ledera* ou *ledra*, e não o sem *t*. E que *lettra* é palavra de origem popular mostra-o claramente o *e* em vez do *i* latino. De mais a mais ha linguas romanicas onde os dois *tt* ainda persistem, por exemplo italiano *lettera*, francês *lettre*,

mas leves modificações de redacção, d'essas que todos os auctores, que estudão, costumão fazer ao relerem um trabalho seu; mas a doutrina primitiva está claro que ficou intacta. Accrescentei aqui e além notas, pondo-as entre colchetes, para que se veja que não pertencião á 1.<sup>a</sup> edição da análise. E juntei um indice alphabetico dos pontos tratados.

Os leitores, que por acaso quizerem inteirar-se melhor do assumpto discutido, deverão ter pre-

---

siciliano *littra*; em francês o grupo *tt* é hoje puramente orthographico, mas em italiano e siciliano tem valor differente do de um só *t*. Por tanto em latim era *LITTERA* e não *litera*. Tanto isto é assim, que os romanistas, como Meyer na *Grammatica das linguas romanicas*, § 70, e Körting, no *Dicc. Latin.-Roman.*, s. v., adoptarão *LITTERA*, com dois *tt*, sem hesitação. Nós em português podemos escrever *letra*, sem dúvida, porque o haver nessa palavra um *t* é já prova de que o etymo d'ella tinha dois *tt*; mas quem segue a orthographia etymologica costuma adoptar *tt*. Em todo o caso o sr. Candido de Figueiredo errou, e não soube raciocinar; e foi apenas isso o que eu quis pôr em evidencia.

sente para a leitura de cada um dos §§ d'este livrinho o meu opusculo *O gralho depennado*, porque ahi, em §§ correspondentes, desenvolvo ou completo os pontos tratados naquelles §§. Nesta supposição eu refiro-me adiante, várias vezes, a *O gralho depennado*. Não faço isto pelo desejo vão de me citar, como com tanto chiste uma ou mais vezes o sr. Candido de Figueiredo insinuou, nem para promover venda ao folheto (o producto da qual seria insignificante), mas porque um individuo que trabalha em assumptos seguidos necessita de se referir ao que antes escreveu, para não estar constantemente a repetir-se, e para manter unidade no seu estudo.

---

Em Portugal a crítica scientifica ou litteraria quasi que não existe. Quando os jornaes fallão de

um livro, ou é em geral para o elogiarem aberrantemente, ainda mesmo quando elle não merecetaes elogios, ou para *dixerem mal* do auctor. Não raro tambem os livros passam em silencio, sem ninguem fallar d'elles. Estes factos resultão, umas vezes da indifferença do nosso público para com os assumptos theoricos; outras vezes da preguiça; outras vezes da ignorancia. Ha tambem muitos prudentes que dizem: — deixemos escrever quem escreve! não censuremos ninguem. Todavia a crítica, quando impessoal, e só animada do desejo da verdade, é um precioso bem: com ella melhora-se o auctor criticado, elucida-se o público, e desbrava-se o terreno para se poder seguir para diante. Assim tenho sempre pensado, e nesse sentido tenho feito algumas críticas, já em jornaes, já em livros, já na minha *Revista Lusitana*; mas, em compensação, por mais de uma vez recebi insultos da parte dos criticados, que

tomarão por offensas pessoaes o que era apenas a manifestação sincera do meu pensamento. Poucos se subtraem ao seu *meio*, e é por isso que até aquelles individuos, que estão convencidos da utilidade da crítica, quando algumas vezes esta lhes passa pela porta, se sentem igualmente magoados, e repellem o que era leal e inoffensivo! Eu poderia citar a este proposito exemplos frisantissimos.

Quando sahirão a lume as *Lições práticas* do sr. Candido de Figueiredo, logo muitos jornaes, ou por espirito de camaradagem, ou por que não entendião mais, se desfizerão em louvores, guindando aquelle auctor ás alturas, aonde realmente os pigmeus como elle não estão habituados a subir... O homem tomou os elogios a serio; e como o espirito da vaidade tem grande poder no sr. Figueiredo, o que eu poderia mostrar com muitas passagens de trabalhos seus, em prosa e verso, elle não viu com bons olhos que houvesse alguem

que destoasse do concento geral, e viesse dizer que as *Lições práticas* não prestavão para nada!

Assim ficão explicadas as suas iras: de um lado a supina ignorancia no assumpto; do outro lado a filaucia offendida. Mas que exemplo que elle deixou de si, com as suas respostas!

Apesar de tão imperfeitas, ainda assim as *Lições práticas* não se póde dizer que tenham a novidade da fórma. Em 1889 deu a lume no Rio de Janeiro o dr. Castro Lopes um livro intitulado *Neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis*. Este livro, que é offerecido á nossa Academia das Sciencias, e onde em vez de *avalanche* se preconiza que se diga *runimol*, em vez de *charivari* se diga *peniludio*, em vez de *drainage* se diga *haurinxugo*, etc..., está tambem escrito num tom galhofeiro e patusco; e, com quanto cáia ainda em maiores contrasensos do que as *Lições práticas*, não deixou, me parece, de influir na

elaboração d'estas: ha até muitos assumptos, que embora ás vezes tratados differentemente, são communs aos dois livros.

Não quero dizer, — longe de mim isso! —, que o sr. Candido de Figueiredo plagiasse; quero só tornar sensivel que a *finá graça*, a *pilheria*, a *galantaria* inexgotavel do auctor lusitano, assim applicadas á resolução dos graves problemas philologicos, não constituem um facto verdadeiramente original e unico, como á primeira vista poderia parecer...

Lisboa, 18 de Dezembro de 1892.



**Lições praticas de linguagem portugueza, por**  
*Candido de Figueiredo.* — Lisboa 1891, 305 pag.

(Análise crítica)

---

Escrever com vernaculidade é sem dúvida uma das melhores prendas do escritor, não só porque, servindo a linguagem para a expressão do pensamento, fica este com tanta mais logica e clareza quantas mais virtudes encerrar aquella, como porque ha tambem nisso interesse nacional. Não admira, por consequencia, que em todas as grandes epochas litterarias appareção individuos que venhão á liça da imprensa terçar denodadamente as armas a favor da linguagem que fallão.

Sem remontarmos além do seculo passado, vemos então pugnarem até o extremo, já contra a introduccão dos gallicismos, já em defesa do bom gosto quinhentista e seiscentista, os dois campeões Candido Lusitano e Filynto Elysio: o primeiro em muitos dos seus trabalhos, mas principalmente no poemeto didactico *Da*

*arte poetica e lingua portuguesa ; o segundo nas Reflexões sobre a lingua portuguesa.*

Diz um :

Ó classicos do nosso augusto seculo,  
Que sempre fostes o patente molde  
De elegante escriptura genuina,  
Oh ! quanto deveis hoje, mais que nunca,  
Ser o que são bandeiras nas batalhas ! <sup>1</sup>

Diz o outro: « É doutrina certa entre os antigos grammaticos e rhetoricos, assim gregos como latinos, que a principalissima qualidade que deve ter qualquer escriptor é a pureza da linguagem em que escreve.... Para se conseguir esta necessaria perfeição não ha senão seguir os vestigios dos auctores classicos » <sup>2</sup>.

No seculo actual, em 1858, o fallecido litterato Silva Tullio começou a publicar, inspirado na mesma ordem de ideias, uns *Estudinhos da lingua materna* numa revista litteraria de Lisboa <sup>3</sup>.

Em todos estes AA. devemos louvar o nobre empenho que mostrarão em servir a litteratura patria; a Candido Lusitano ha-de agradecer-se, de mais a mais, o abundante material que colligiu, e que póde ser utilizado para outros fins philologicos.

<sup>1</sup> *Parnaso Lusitano*, I, pag. LXX.

<sup>2</sup> *Reflexões*, vol. I, pag. 5.

<sup>3</sup> *Archivo Pittoresco*, vol. II, etc., d'onde foram transcritos para o *Dicc. de educ. e ensino* que Camillo C. Branco traduziu, amplificadamente, de Campagne.

Hoje, porém, que a sciencia progrediu tanto, precisamos de ir além dos antigos puristas. A linguagem não é um instrumento passivo, apenas manejavel com mais ou menos habili-dade; tem sua vida e suas leis, que importa não contrariar.

Os antigos nem sempre comprehendião o que era a vida da linguagem: imaginavão que ella se corrompia e se aperfeiçoava á mercê de quem a escrevia. Sem dúvida a linguagem escrita exerce alguma influencia na fallada, mas só dentro de certos limites. Muitas vezes se diz, por exemplo, que foi Camões e os classicos do sec. xvi quem tirou da rudeza e barbárie primitivas a lingua portuguesa; e no emtanto isto, dito assim em absoluto, é uma falsidade, porque é na boca do povo que a lingua evoluciona. O que elles fizeram foi fixar em obras de alto valor litterario a lingua que na epocha se fallava, embora a enriquecessem artificialmente de muitos latinismos, etc. A differença entre a linguagem das obras de Fernão Lopes, que ainda não é classico, e a das de João de Barros, que é um dos principaes classicos nossos, não resulta de o talento de um exceder o do outro, mas de que o segundo pertence ao sec. xvi e o primeiro ao sec. xv, em que a lingua portuguesa não tinha ultrapassado o seu periodo archaico.

Freire, Filynto e Tullio juravão nos classicos como em Evangelhos; os classicos são realmente modelos de dicção, mas, ao consultá-los, convem lembrarmo-nos de que, por um lado, elles não criárão a lingua, e por outro, tambem estão sujeitos, como já em parte no-

tára Francisco José Freire<sup>1</sup>, a tornarem-se antiquados.

Se a linguagem não fosse um phenomeno em constante desenvolvimento, nós hoje escreviamos e fallavamos como D. Dinis ou D. Duarte; d'onde se vê que os classicos não sustão por completo a evolução natural e popular da lingua.

Freire dizia que «no fallar não se deve seguir o uso do povo idiota (*stc*), inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o daquelles que á força de observação e de estudo fallarão sempre com escrupulosa propriedade e pureza»<sup>2</sup>. Onde ha-de no emtanto fazer-se a observação e o estudo senão no uso quotidiano e domestico? Aonde é que os primeiros que escreverão a lingua portuguesa forão buscá-la senão ao povo?

Actualmente existem duas linguas, ou antes duas fórmulas da mesma: lingua escrita, ou culta; lingua oral, ou vulgar. Antes, porém, de a nossa lingua se escrever, o que só succedeu pela primeira vez, de modo um pouco largo (ao que consta dos documentos por mim conhecidos), no sec. XII, não havia senão uma fórmula de lingua, que era a lingua fallada; e nem por isso a lingua portuguesa deixava de ser boa e regular, como todas as mais.

Não nego que a lingua do povo tenha um destino e um campo proprios, e que a lingua

---

<sup>1</sup> *Reflexões*, 1, 10.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 1, 6.

litteraria tenha outros; mas o *humus* fecundo de que a segunda vive é a primeira. Freire não comprehendia esta verdade, e é por isso que chamava *idiota* ao povo. Silva Tullio tambem pelo seu lado condemnava excellentes modismos da nossa linguagem, só porque lhe parecia eivados de vulgaridade.

O sr. Candido de Figueiredo, no livro cujo titulo serve de epigraphie a esta critica, pouco adianta a Silva Tullio, antes em alguns pontos o repete, e fica muito àquem do seu homonymo Candido Lusitano (Francisco José Freire), que, com quanto fosse espirito de vãos não muito levantados, possuia comtudo enorme e demonstrada leitura de classicos.

Está claro que eu applaudo os bons intentos do sr. Figueiredo, pois que, achando-se, como infelizmente se achão, muito desvirtuadas pelo jornalismo contemporaneo a pureza e correccão da nossa lingua litteraria, elle pretende pôr um dique ao mal; e confesso tambem que em muitos pontos acertou no que disse. Com relação porém ao methodo e fórma adoptados na sua exposição, não me conformo; e ainda na doutrina tratada ha muito que censurar.

A primeira redacção do livro foi nas columnas do jornal lisbonense *O Português*. O sr. Figueiredo subscrevia os artigos com o pseudonymo de *Caturra Junior*. Supponho que o *Caturra Senior* era principalmente Silva Tullio. Os artigos provocarão correspondencia real ou ficticia, e em virtude d'isso apparecem no livro varios outros pseudonyms, como *Mendes Casmurro*, *Caturrissimo*, *Teimoso*, *Semi-Caturra*, *Ca-*

*turrinha*, Antonio Caturreira, e outros que taes, o que, junto ao tom facéto da obra, tira a esta a gravidade scientifica que devia ter; ora um livro, sem gravidade scientifica, mal convencerá o leitor. Foi este o primeiro reparo que me acudiu ao abrir as *Lições practicas*.

Depois, o auctor só raramente justifica o que diz; de modo que os leitores, a quem se não offerece outra prova que o sêcco e formal *ipse dixit* do sr. Candido de Figueiredo, ficão com o direito de duvidar d'elle, não que o auctor fosse capaz de propositadamente os illudir, mas por que não mostrou ainda, por trabalhos e escritos seus, haver adquirido aquella auctoridade necessaria para que a uma simples affirmacão sua nós todos nos curvemos logo, em signal de intimo assentimento. Foi este o segundo reparo geral <sup>1</sup>.

Passarei agora á analyse de alguns factos miudos, que, para commodidade minha, e quiçá de quem lê, irei indicando na ordem em que apparecem no livro.

### 1. **Accelte por acceito**

Escreve o sr. C. de Figueiredo: «*Accelte* não é adjectivo: foi sempre um substantivo, e quer

---

<sup>1</sup> [Na 2.<sup>a</sup> ed. o sr. Figueiredo, obviando a este reparo, juntou exemplos. Sobre o valor d'estes exemplos, vid. o que digo n-*O Galho depennado*, pag. 45-47].

dizer o *acto de acceitar uma letra de cambio*. O adjectivo é *acceito, acceita* » <sup>1</sup>.

Pondo de parte a expressão *adjectivo*, por impropria, pois *acceito* é participio e não adjectivo, direi ao auctor que a sua sentença me não edifica, porque semelhantes a *acceite* (participio do verbo *acceitar*) ha na lingua mais expressões que podem fazer de participios: assim, na mesma relação externa, em que *acceite* está para *acceitado*, está *assente* para *assen-tado*, *livre* (originariamente adjectivo) para *li-vrado*, *entregue* para *entregado*, *extreme* para *ex-tremado*; cfr. ainda *quite* a par de *quitado*, e *fixe* (popular) a par de *fixado*.

Ora, se *acceite* é erro, tambem as outras fórmas litterarias o são; todavia ninguem duvidará de as empregar.

A expressão *acceite*, como participial, é muito vulgar, e já grammaticos competentes lhe derão entrada nos seus livros, como o sr. Epi-phanio Dias na *Grammatica portuguesa elemen-tar*, §. 89, obs. 1, e o sr. Adolpho Coelho no *Diccionario manual*, s. v. Para que a condemna pois o sr. Figueiredo?

O seu erro resulta de elle imaginar que o participio *acceite* provém do substantivo da mesma forma, que realmente existe com a significação que acima se lhe dá; mas o substantivo *acceite* nada tem com o participio, pois é um substantivo verbal, tirado de *acceitar*, como, por exemplo, *despique* de *despicar*, *embarque* de

---

<sup>1</sup> *Lições praticas*, pag. 17.

*embarcar*, etc. Isto são factos muito elementares, que o auctor devia conhecer, por isso que se mettem a dar lições de grammatica portugueza. Toda a gente pôde portanto continuar a dizer indifferentemente *acceite* e *acceito*, *acceites* e *acceitos*, que diz muito bem.

O dizer-se tambem *acceite* como substantivo não é motivo para banir o participio, pois quantos homonymos não ha em portuguez? <sup>1</sup>

## 2. A *miudo* por *amiude*

O modo como o A. falla não convence ninguém. Diz elle que *a miudo* é inadmissivel, e só correcto *amiude* <sup>2</sup>, mas não prova o que affirma. Porque é que *a miudo* ha-de ser incorrecto? Não existem na lingua expressões adverbiaes semelhantemente fôrmas, como *pouco a pouco* (e *a pouco e pouco*), *a descoberto*, *aduro* (adverbio antigo), *a torto e a direito*, *a claro*, etc.?

Effectivamente *amiude* é classico; mas *a miudo* tambem, como o A. pôde vêr em Bernardes, citado até por Moraes no *Diccionario*.

À primeira vista parece que *amiude* é a fôrma primitiva, por haver em latim *minute*; mas de-

---

<sup>1</sup> [N-O *gralho depennado*, pag. 27, nota, citei um trecho de Camillo Castello Branco em que este A. emprega effectivamente *acceite* como participio. Portanto esta palavra tem a seu favor o uso geral, a sancção de escriptores auctorisados, a razão philologica e a approvação de bons grammaticos].

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 19.



vemos lembrar-nos do que diz o mestre da philologia romanica, F. Diez, na sua *Grammaire des langues romanes*<sup>1</sup>, que os adverbios latinos acabados em *-e*, tirados de adjectivos, desapparecerão, com raras excepções, nas linguas neolatinas. Essas excepções são, por exemplo, com relação á nossa lingua, *bem, mal, tarde*, que, como se vê, figurão tambem como substantivos, o que os fez conservar.

Por isso creio ser, pelo contrario, *a miudo* a fôrma primeira, e *amiude* uma alteração analogá á que se observa no português archaico *adur*, por *\*adure*, de *aduro* (*a duro*).

Vê agora o sr. Figueiredo que uma pequena digressão pelo campo da philologia séria lhe era mais util do que a impertinente galhofa com que está escrevendo sempre.

### 3. Meio, COMO ADVERBIO

Escreve o sr. C. de F., referindo-se a uma phrase que colheu em certo jornal: «gente *meia* disposta.... não é cá da casa. É como quem diz *as calças MEIAS cosidas, os livros MEIOS lidos, as ruas MEIAS limpas*. Mas quem assim diz, diz mal. A coisa é assim: *gente MEIO disposta, calças MEIO cosidas, etc.* »<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Vol. II, pag. 427.

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 26-27. [Na 2.<sup>a</sup> ed. o nosso A. attenuou um pouco a sua affirmacão, por causa da minha critica: cfr. *O galho depennado*, pag. 44].

Já também Silva Tullio nos seus *Estudinhos* tinha escrito pouco mais ou menos o mesmo, e citado como illustração um trecho de Vieira. Todavia eu posso citar também bons exemplos em contrário.

Em Fernão Mendes Pinto leio: «viemos a dar á costa, e *meys alagados* nos forão os mares rolando até hũa ponta de pedra»<sup>1</sup>. Em Manoel Barradas, fallando dos elephantes: «Tomão-se, não como os antigos escrevem, em arvores *meias serradas*, a que encostados caem com ellas»<sup>2</sup>. Se se desejão AA. mais modernos, ahí temos Herculano:

Eu te encontrei num alcantil agreste,  
*Meia-quebrada*, oh! cruz.....<sup>3</sup>

ou ainda Almeida Garrett:

As palavras *meias ditas*,  
*Meias* nos olhos escrittas,  
Voavam todas, etc.<sup>4</sup>

Resulta d'isto que o sr. C. de F. deve ser menos exigente com o jornalista que escreveu «gente *meia* disposta», porque este tem por si

<sup>1</sup> *Peregrinações*, Lisboa 1614, 1.ª ed., fls. 88 v.

<sup>2</sup> Na *Historia Tragico Maritima* (1735), I, 260.

<sup>3</sup> *Poesias*, 1.ª ed., pag. 122.

<sup>4</sup> *Folhas cahidas*, liv. I, n.º 4.

excellentes auctoridades. Tão portuguez é *meio disposta* como *meia disposta*.

Se ao sr. C. de F. houvesse occorrido a lembrança de uma lei de syntaxe chamada *attracção*, comprehenderia o motivo de se dizer adjectivamente *meios* e *meias* em vez de se dizer adverbialmente *meio*. É pela mesma lei que André de Resende diz: « E avendo *muitos poucos* dias que el Rey era doente » <sup>1</sup> — em vez de *muito poucos*.

#### 4. Adeus

Diz o A. que para os etymologistas serem coherentes deverião escrever, entre outras coisas, *adheus* <sup>2</sup>. Parece que o A. imagina que o nosso *adeus* provém do lat. *heus*! Elle não se lembraria de que ha em francès *adieu*, em hispanhol *a Dios*, em italiano *addio*, — o que prova que o nosso *adeus* é composto de *a* + *Deus*? O facto é tão simples, que parece incrivel que alguem duvidasse d'elle <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Chron. de D. João II*, cap. XII. Devo a copia deste trecho a um amigo meu.

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 41.

<sup>3</sup> [Na sua replica diz-me o sr. C. de Figueiredo que tinha em attenção o grego *Theos* (onde tambem ha *h*), e não o lat. *heus*. N-O gralho depennado, pag. 9, refutei este novo erro. Depois d'essa refutação, o sr. Figueiredo achou mais prudente supprimir o insensato *adheus* na 2.<sup>a</sup> ed. das *Lições*! Cfr. O gralho depennado, pag. 45].

## 5. Cerimonia

Escreve o sr. Figueiredo: « Nem no portuguez se diz *cerimonia*, nem no latim ha *caerimonia*, a não ser em algum trecho do latim da decadencia. Na idade aurea da litteratura romana, o que encontramos é *caeremonia* em Cicero, em Tito Livio e em Cesar, por exemplo. Suppõe-se que o vocabulo vem da cidade *Caeres* na Etruria »<sup>1</sup>.

São tantos os erros quantas as affirmações. Se o sr. Figueiredo consultasse boas edições ou um bom dictionario latino, como, por exemplo, o de Bréal ou o de Theil, veria que o que ha em latim é *caerimonia* (ou melhor *cerimonia*), e não, como diz, *caeremonia*.

Com relação á etymologia, ella não está em *Caeres*, pois *cerimonia* compõe-se de *cerus* (que no lat. ant. significava *deus*) e do suffixo *-monia*, que apparece tambem em *sanctimonia*, etc.<sup>2</sup>

Para que é que o sr. Figueiredo, que no portuguez está tão pouco seguro, vae engolfar-se no intrincado das etymologias latinas, falando a esmo?

Escreve ainda o A. que em italiano se diz *ceremonia*, o que, segundo elle, mais confirma que se deve dizer em portuguez *ceremonia*<sup>3</sup>:

<sup>1</sup> Lições, pag. 49; cfr. pag. 30.

<sup>2</sup> Vid. *Dictionnaire étymologique latin* de M. Bréal e Bailly, Paris 1886, s. v. *cerimonia*.

<sup>3</sup> Lições, pag. 49.

mas que prova é esta, se em italiano também ha *cerimonia*! De mais a mais em português, em linguagem despreoccupada, ninguém dirá *ceremonia*, com quanto erradamente se escreva assim.

Depois d'isto tudo, medite o sr. Figueiredo nas palavras com que rematou o seu artigo, a pag. 49 <sup>1</sup>, e veja agora se é a quem as applica que ellas com justiça se referem...

## 6. Sem si

Segundo o A., as expressões *de si* e *sem si*, no tratamento familiar da 2.ª pessoa do discurso, são disparates « contra a grammatica » <sup>2</sup>.

Como elle se não justifica, e eu não tenho dúvida, nem ninguém a terá, de dizer nas mesmas circumstancias *comsigo*, *a si*, etc., claro está que continuarei a dizer também *de si* e *sem si* <sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> [Estas palavras são: «Ainda terá duvida o tal? Elle ha crâneos tão impermeaveis...»].

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 51.

<sup>3</sup> [N-O grálho depennado, pag. 13, juntei um exemplo decisivo do emprego de *si*, no tratamento familiar da 2.ª pessoa, isto é, de *si*, sem ser reflexo: este exemplo colhi-o, como lá digo, em D. Francisco Manoel. Eis outro exemplo, também decisivo, de Alexandre Herculano: «A carta que me dirige tem um sabor acre.... queime-a.... Não é por mim: é *por si*» (prologo á *Paqueta*, de B. Pato, pag. xxxiv). Por tanto o *si* fica justificado].

## 7. A grammatica do sr. Epiphanio Dias

A pag. 55 das suas *Lições* tem o sr. C. de F. as seguintes arriscadas afirmações: « A grammatica, ou seja de Bento ou do Epiphanio, ou do Eufrasio, ensina muitas definições, nomes esdruxulos e majestaticos.... mas.... não ensina portuguez ». Também a pag. 113 diz numa nota: « Não vou muito com o Epiphanio ».

A respeito da *Grammatica* do sr. Bento José de Oliveira, estou de accôrdo, porque ella não ensina portuguez<sup>1</sup>; a grammatica do Eufrasio, que é provavelmente algum compadre do sr. Candido de Figueiredo, não a conheço, e por tanto não a posso julgar; a respeito porém da *Grammatica* do sr. Epiphanio Dias, sempre notarei ao sr. C. de F. que ella ensinará um pouco mais que as *Lições práticas de linguagem portugueza*...

O sr. Candido de Figueiredo não adquiriu ainda a noção do que é a sciencia philologica; por isso, tudo lhe parece facil de resolver, e não vê a differença que vae de uma *Grammatica* como a do sr. Bento á *Grammatica* do sr. Epiphanio. Quem deu auctoridade ao A. para dizer que esta ultima não ensina portuguez? Quando se faz assim uma affirmacão, trazem-se provas: e, quando se trata de um professor de tão conhecidos e provados meritos scienti-

---

<sup>1</sup> [Cfr. o meu opusculo *A philologia portuguesa*, Lisboa 1888, pag. 44-45].

ficos como é o sr. Epiphanio Dias, espera-se da parte do censor mais alguma delicadeza, pelo menos.

O sr. Epiphanio Dias não precisa de quem o defenda, nem elle por certo se incommoda muito com as accusações infundadas que lhe dirigem; todavia, já que estou escrevendo para leitores muito diversos, pede a justiça que eu rebata as asserções do sr. Figueiredo.

Numa lingua, em geral, temos de considerar tres ordens de phenomenos fundamentaes: os sons, as fórmãs das palavras, e as phrases; por isso o sr. Epiphanio, á semelhança do que noutras grammaticas estrangeiras (allemãs, etc.) se fazia, dividiu muito justamente a sua *Grammatica portuguesa* em *phonologia*, *morphologia* e *syntaxe*, o que logo á primeira vista faz considerar a lingua sob um aspecto geral muito diverso d'aquelle sob o qual a viamos nas outras grammaticas.

Estas estudavão sobretudo a morphologia, a que imprópriamente chamavão *etymologia*, pois a função da *etymologia*, na grammatica pratica, é só o estudo da formação das palavras, e não tambem o da sua classificação e accidentes. Nessas grammaticas, que datão já do sec. xvi, achou o sr. Epiphanio, sem dúvida, muitos materiaes aproveitaveis de morphologia, mas, além dos factos que juntou de novo, ou a que destinou lugar mais conveniente, coordenou tudo com um methodo scientifico que ainda antes d'elle não havia sido applicado por completo em Portugal á grammatica portuguesa elementar.

Ao que nós chamamos actualmente *phonolo-*

gia chamavão as antigas grammaticas *prosodia* e *orthographia*; mas a *orthographia* não é parte essencial da grammatica, pois uma lingua pôde ser só fallada, não se escrever, e nesse caso não tem *orthographia*, como acontece a muitas linguas selvagens, que são aliás linguas tão perfectas como as mais cultas que haja; e a *prosodia* occupa-se particularmente do *accento* e da *quantidade*, e não pôde entrar em considerações ácerca da *classificação*, *representação* e *modificações* dos sons. Também por este lado achou o sr. Epiphanio muitos dados nas grammaticas que o precederão; applico, contudo, aqui o que acabo de dizer a proposito da *morphologia*: se ha na sua grammatica factos já sabidos, ha outros ainda não archivados, e a disposição é nova e mais scientifica, — e sempre num livro elementar o que principalmente se busca é a logica dos factos, para que o espirito logo desde o principio se enca-minhe bem.

A syntaxe é na grammatica do sr. Epiphanio uma parte quasi toda nova, um trabalho muito interessante e muito copioso, onde vem tratadas com regularidade as principaes questões que se hão-de exigir num livro d'estes, destinado aos primeiros estudos lyceaes.

Se o sr. Candido de Figueiredo não vê isto que digo, é porque não sabe, ou porque não quer: se não sabe, não venha fallar *ex cathedra*, e com arreganho, ácerca d'aquillo em que não está inteiramente firme; se não quer, então a sua critica deixa de o ser, para se tornar mero palavreado ôco.

Muitas vezes ouve-se dizer que a grammati-



ca do snr. Epiphanio é obscura: eu tenho ensinado por ella muitas dezenas de crianças, e nunca trecho algum dos estudados deixou de ser entendido; d'onde concluo que ou o espirito dos que asseverão isso vive ainda noutra esphera, ou que estes a não lêrão com serenidade e attenção.

Já se vê que não ha livro nenhum sem imperfeições, e eu mesmo reconheço algumas naquelle que eston elogiando; mas, se o sr. Figueiredo era capaz de as notar com consciencia, e julgava opportuno communicá-las aos seus leitores, notasse-as francamente, e não viesse com meias palavras dizer mal em absoluto d'aquillo que assim o não merece.

A *Grammatica elementar* do sr. Epiphanio Dias, até á data actual, é, no seu genero, a melhor de todas as grammaticas portuguezas.

Eu sei além d'isso que elle (que é um espirito todo votado á sciencia prática) trabalha ha muitos annos numa grammatica historica, desenvolvida, da nossa lingua, de que já boa parte está prompta, e em que principalmente a syntaxe, em que elle tem competencia especialíssima, por ser o nosso primeiro latinista, e latinista á altura da philologia moderna, constitue um trabalho muito apreciavel.

#### 8. Estar certo que

Alcunha de erros grammaticaes o sr. Figueiredo estas expressões: *estar persuadido que*, es-

*tar certo que, não ha dúvida que, — accrescendendo que deve ser de que* <sup>1</sup>.

Parece-me exaggerado purismo, pois tenho encontrado nos bons AA. esses ou semelhantes modos de dizer, que aliás são hoje correntes. Comquanto eu não possa agora ministrar exemplos precisamente iguaes <sup>2</sup>, aqui dou um parecido: «*maravilho-me todavia que tenhais vós medo de procurar as virtudes*» <sup>3</sup>.

Em harmonia com o preceito do sr. Figueiredo, devia Bernardes ter dito *maravilho-me de que*; mas Bernardes disse muito bem, porque é este um uso da lingua; o sr. Figueiredo é que sentenciou mal. Tão bom português é *estar certo que* como *estar certo de que*.

Eis ainda outros exemplos semelhantes, colhidos em Amador Arráiz e Antonio Vieira: «*não me lembrando que ao animo se deve pedir, etc.*» <sup>4</sup>, e «*lembrado estou que no primeiro sermão etc.*» <sup>5</sup>. E nada terá o sr. Figueiredo que bradar contra Vieira ou Arráiz.

## 9. Trazer á balha

Achou o A. num jornal a phrase «*trazendo á baila o caso*», e commenta: «*Trazendo á baila?* Isso é o que por ahi se diz, ás vezes, mas

<sup>1</sup> Vid. *Lições*, pag. 77 e 98.

<sup>2</sup> [Dei-os porém n-O galho depennado, pag. 18].

<sup>3</sup> M. Bernardes, *Nova Floresta*, II, 57.

<sup>4</sup> Arráiz, *Dialogos*, ed. 1589, fls. 2 v.

<sup>5</sup> Vieira, *Cartas*, ed. 1735, vol: II, pag. 452.

não é o que se deve dizer, e, ainda menos, o que se deve escrever. *A balha, trazendo á balha, é que é* » <sup>1</sup>.

E fica a gente a olhar para elle á espera de uma prova, mas ésta não vem! Se o A. observasse um pouco a historia da lingua, seria mais humano... Eu lhe explico as relações de *balha* com *baila*.

O substantivo *balha* é verbal, e tirado de *balhar* (não de *bailar*), verbo que é muito usado ainda hoje na Estremadura <sup>2</sup>; já Candido Lusitano, no sec. xviii, escreve: « *bailar* e não *balhar*, como erradamente pronuncia o vulgo » <sup>3</sup>. O facto da existencia da palavra na boca do povo mostra que ella é archaica, pois *balhar* não podia ter provindo directamente de *bailar*. E do archaismo d'ella não podemos duvidar, pois existe *balha* nos AA. antigos, por ex. em D. Francisco Manuel (sec. xvii), que diz: « cada instante eu venha á *balha* » <sup>4</sup>. Outro membro d'esta familia de palavras é *balheiro* ou *bailheiro*, que vem em F. Lopes (sec. xv) <sup>5</sup>.

Ora, ao lado do verbo *balhar* havia o verbo *bailar*, que o supplantou. E como se tinha estabelecido no espirito que *balha* provinha de *balhar*, tambem, desde o momento que no uso geral entrou *bailar*, se adoptou o substantivo ver-

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 79.

<sup>2</sup> Vid. o meu opusculo *Dialectos estremenhos*, pag. 29.

<sup>3</sup> *Reflexões sobre a ling. port.*, II, 51.

<sup>4</sup> *Apologos Dialogaes*, 1721, pag. 90.

<sup>5</sup> *Chronica de D. João I*, parte I, cap. cxxxv (ed. 1644, pag. 242).

bal correspondente *baila*, que equivale a *balha*, — o que mais claramente se mostra nesta proporção :

$$\frac{\text{balhar}}{\text{balha}} = \frac{\text{bailar}}{x}$$

Logo  $x = \text{baila}$ .

Aqui tem o sr. Figueiredo a razão de se dizer *baila*. Se *balha* vem de *balhar*, e se *balhar* foi substituído por *bailar*, porque não ha-de também substituir-se *balha* por *baila*?

Já alguns dictionarios trazem esta ultima palavra, como o de Roquette e o do sr. Adolpho Coelho.

Sem eu condemnar *balha*, por isso que muitos archaismos se conservão na lingua moderna em *phrases feitas* (e é este o caso para trazer á *balha*), não me julgo porém auctorizado a condemnar *baila*, que é tão usado por todos <sup>1</sup>.

#### 10. Gallicismos antigos. O ditongo «ou»

O espirito do A. está tão adiantado em philologia romanica, que para etymologias cita ainda como auctoridade Duarte Nunes do Leão,

---

<sup>1</sup> Sobre a etymologia de *bailar* e *balhar*, cfr. F. Diez, *Etymologisches Woerterbuch der Romanischen Sprachen*, 4.<sup>a</sup> ed., I, s. v. *ballare*.

isto é, um auctor dos sec. xvi-xvii (com quanto este auctor seja muito melhor que alguns etymologistas modernos). Os meritos de Duarte Nunes são grandes; mas em tres seculos a sciencia deve ter progredido alguma coisa.

Fiado nelle, deriva do francês o sr. Figueiredo *atar*, *aço*, *camisa*, etc., só porque o nosso velho grammatico põe ao lado d'aquellas palavras *atacher* (orthographia moderna *attacher*), *acier* e *chemise*<sup>1</sup>.

Para alguns termos da sua longa lista, Duarte Nunes tem razão; mas não a tem para a maior parte, entrando nesse número os tres mencionados, pois *atar* vem singelamente do lat. *aptare*; entendo que *aço* vem do português archaico *aceiro*<sup>2</sup>; *camisa* vem do baixo-latim *camisia*<sup>3</sup>.

Sobre esta palavra vid. tambem Koerting<sup>4</sup>, que resumiu os ultimos estudos a proposito d'ella, segundo os quaes a palavra, na sua forma *camisia*, é de procedencia celtica (da Gallia), e, na sua remota origem, de procedencia germanica.

Se o port. *camisa* viesse directamente do

<sup>1</sup> Vid. *Origem da ling. port.*, ed. 1864, pag. 47.

<sup>2</sup> Cfr. hisp. *acero*, ital. *acciajo*, fr. *acier*, do baixo-latim *aciarium*, tirado de *acies*. Como ha muitos nomes portuguezes acabados em *-eiro*, derivados de substantivos, imaginou-se que *aceiro* era um d'esses, e suppôs-se-lhe o primitivo *aço*, que não pôde provir directamente do lat. *acies*, que deu em port. arch. *az*. Ha na nossa lingua muitos factos semelhantes.

<sup>3</sup> Cfr. Diez, *Etymolog. Woert.*, 1, s. v., *camisia*.

<sup>4</sup> *Lateinisch-romanisches Woerterbuch*, s. v. *camisia*.

fr. *chemise*, devia conservar o *ch*, como aconteceu em *chapeu* <sup>1</sup>, em *charrua* (do fr. *charrue*), *chaminé* (fr. *cheminée*), e na forma pop. septentrional *chéna* (do fr. *chaîne*), quatro palavras estas em que nos dialectos do Norte do Mondego o *ch* tem ainda o som duro, explosivo (quasi *tx*), que existia no francês archaico, — o que é um elemento para determinar a data da introdução d'essas palavras na nossa lingua; cfr. ainda o português *chantre*, de origem francesa.

No mesmo capitulo em que se occupa dos gallicismos, diz o sr. Figueiredo que se deve escrever *urina* e não *ourina*, porque « se os romanos dissessem *aurina*, nós diríamos *ourina* ou *oirina*, como de *aurum* dizemos *oiro*; mas os romanos escreveram *urina*, e o *u* latino não se converte em *ou*, na formação das linguas romanicas » <sup>2</sup>.

Se fiz esta transcripção, não foi para defender *ourina*, que em fim é uma forma popular (com quanto muito boa gente assim diga); foi só para notar a falta de methodo do sr. Figueiredo.

Do seu dizer conclue-se que não ha em português ditongo *ou* ou *oi* que não provenha do lat. *au*: ora ha tantos, como em *souto* ou *soito*, *outro* (pop. *oitro*), *outeiro* ou *oiteiro*, *oito*, *biscoito*, etc.! De mais a mais, quem ensinou ao sr. Figueiredo que o *u* latino se não mudou em *ou* nas linguas romanicas? Uma prova d'is-

<sup>1</sup> Esta palavra vem não do francês moderno *chapeau*, mas reflecte o francês antigo *chapel*, cujo *l* se conserva ainda em *chapeleiro*, *chapelaria*, *chapelete*, *chapelinho*, etc.

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 85.

so está na propria palavra *ourina*, que é popularissima em todo o Norte!

Mas o sr. Figueiredo assentou a questão muito mal, porque, ao fallar do *u* latino, era preciso indicar a sua natureza e a sua posição. É verdade que « das coisas minimas » *non curat praetor*!

#### 11. Igreja

Alguem perguntou ao sr. Figueiredo se não seria mais conforme com a etymologia escrever *igreja*, com *e*, do que com *i*. O nosso A. responde: « É mais conforme, sim senhor: *ecclesia* começa por um *e*. Mas desde que o uso geral e o uso dos bons mestres vai cortando o cordão umbilical das etymologias (*sic!*).... eu sinto verdadeira satisfação, sempre que posso dar qui-nau auctorizado na sabença dos caturras etymologistas, que são ainda mais intoleraveis do que eu » <sup>1</sup>. — Que preciosidade de estylo!

Ora *egreja*, com *e*, não é mais conforme, não senhor; ainda que pareça o contrario. O etymo está de facto no lat. *ecclesia*, d'onde veio o portuguez archaico *eigreja*, ou *eygreja*, que por exemplo Viterbo cita em documentos do sec. XIII <sup>2</sup>; de *eigreja*, pela redução do ditongo inicial *ei* a *i*, resultou *igreja*. Logo o *i* provém, não de *e*, mas de *ei*; isto é, a razão da sua existencia no nosso caso está no *i* do di-

<sup>1</sup> Lições, pag. 87.

<sup>2</sup> No seu *Elucidario*, s. v. *eigrega* (aliás *eigreja*), *abandengo*, *chegar*, etc.

tongo: por tanto seria infundado escrever o vocabulo com *e*.

A orthographia com *e* ligava immediatamente igreja a *ecclesia*, passando em claro *eigreja*, que existiu durante algumas centenas de annos.

Convença-se o sr. Figueiredo de que a história da lingua é a base d'estes estudos; sem ella dão-se constantemente passadas em falso.

## 12. Excepto

Um jornalista escreveu: «Tudo por consequinte descança, *exceptos os Colyseus*». Vae o sr. Figueiredo e replica-lhe: «*excepto* foi sempre, e é ainda, um adverbio, isto é, uma palavra invariavel: quer o applicuemos a um nome no singular ou no plural, quer o applicuemos a um nome feminino ou masculino, é sempre *excepto*. E assim diremos: Tudo descança, *excepto os colyseus*»<sup>1</sup>.

Antes de tudo, notarei ao sr. Figueiredo que *excepto*, no presente caso, não é adverbio, mas preposição (cfr. o francês *excepté*)<sup>2</sup>. Em segundo lugar notar-lhe-hei que não é rigoroso dizer que todos os adverbios são invariaveis, pois muitos podem tomar desinencia superlativa, deminutiva, etc.

Agora vamos ao *excepto*. Se o A. se dêsse

<sup>1</sup> Lições, pag. 103.

<sup>2</sup> [O sr. Figueiredo, na 2.<sup>a</sup> ed., pag. 90, emendou *adverbio* em *preposição*, conforme a minha critica; cfr. O galho depennado, pag. 25 e 41].



ao trabalho de procurar a este proposito nos nossos classicos, acharia por exemplo em Bernardes o seguinte: « e assim todos os livros que andam em nome das Sibyllas, *exceptas algumas auctoridades*, de que os Padres se servem, etc. »<sup>1</sup>, — onde, contra o preceito doutoral do sr. Candido de Figueiredo, *excepto* não só não é preposição (e muito menos adverbio!), mas está no plural e no feminino!!

Por tanto o jornalista, se não foi com o uso contemporaneo, foi com o uso classico. E comprehende-se que *excepto* possa variar de flexões, pois que na origem latina é um participio, — *exceptus*, de *excipio*<sup>2</sup>.

### 13. Ha mais de

Perguntarão ao sr. Candido de Figueiredo: « Neste exemplo — *Ha mais de sessenta annos que nasci detrás d'aquellas serras* —, a segunda oração é *circumstancial* de tempo ou *relativa*? ». O nosso A. respondeu: « Não me prendo com a nomenclatura escolar, e deixo aos pedagogos mais pacientes, ou mais pueris (*sic*), o cuidado de baptisarem tal ou tal oração, tal ou tal *complemento* »<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Nova Floresta, vol. II, pag. 3.

<sup>2</sup> [De accordo com a minha explicação, e para mais segurança, o sr. Figueiredo accrescentou no indice da 2.ª ed. (pag. 318) « *excepto, participio* »; cfr. *O gralho depennado*, pag. 41].

<sup>3</sup> Lições, pag. 126.

Não comprehendo como é que o sr. Figueiredo, que supponho ser ou ter sido professor particular de portuguez, e que vem em publico dar *Lições de linguagem*, se não prende com a nomenclatura escolar! Então por que meio exporá as suas doutrinas? É como se um medico, ao receitar, dissesse que não se importava com os formularios! A nomenclatura é a base da exposição.

Continuando na sua resposta, diz o sr. Figueiredo: « Entretanto apraz-me dizer-lhe que a tal oração a que se refere, nem me parece *circumstantial*, nem *relativa*: prefiro considerá-la INTEGRANTE e fazer d'ella SUJEITO da primeira » <sup>1</sup>.

Agora percebe-se a razão pela qual o sr. Figueiredo se não prende com a nomenclatura escolar... Pois não vê que, no exemplo dado, o verbo *haver* é impessoal, e por tanto sem sujeito grammatical? Não vê também que a segunda oração exprime uma circumstancia de tempo (« tempo *depois que* »), e que por tanto não pôde ser integrante? <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 126.

<sup>2</sup> [Se o sr. Figueiredo soubesse empregar o methodo comparativo no estudo da linguagem, notaria que em latim se diz também, por ex.: « vicesimo die *quam* creatus erat », onde *quam*, conjuncção temporal, corresponde ao *que* da passagem citada no texto, e não entendida pelo sr. Figueiredo].

## 14. Vem aconselhando

Como um jornal escrevesse « As *Novidades* vem ha dias aconselhando », objectou o nosso A. com isto : « *Vem aconselhando* não é da nossa lingua » <sup>1</sup>.

Mas em Bernardes, que é classico de polpa, acho eu : « e vinha com o Emperador *entrando* para Roma » <sup>2</sup>. Que dúvida haverá de que seja portugûês ? — E mais exemplos eu poderia citar <sup>3</sup>.

## 15. Dezasets

Lê-se no sr. Figueiredo : « Diz-se geralmente *desasseis* e *desassete*, e assim o escrevem muitos. Mas é pronuncia incorrecta e escrita erronea. É *deseseis* ou *dezeseis*, e *desesete* ou *dezesete*, e *desenove* ou *dezenove* » <sup>4</sup>.

Ponho de parte o ser com um s ou dois ss, e o escrever-se *des-* (que é absurdo) em vez de *dez-*, e vou só á questão de *a* por *e*. Mais uma vez o sr. Figueiredo não allega razões. Esquecimentos! Ninharias! Pois era natural sabermos por que se ha-de dizer *dezesete* e não *deza-sete*, etc.

Provavelmente diz-me o A. : — 17 é composto de *dez e sete*. Mas então digo eu : como a con-

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 127.

<sup>2</sup> *Nova Floresta*, II, 113.

<sup>3</sup> [Citei outro n-*O gralho depennado*, pag. 26].

<sup>4</sup> *Lições*, pag. 127.

juncção e se pronuncia *i*, e não *e*, eu devo dizer *dezisete*, e não *dezesete* como o sr. Figueiredo aconselha! Ora o que é certo é que não só a pronúncia vulgar de todo o país é com *a* (*dezanove*, *dezaseis*, etc., sendo pedantismo *dezenove*, *dezeséis*, etc.), mas que já em AA. antigos encontramos assim, o que eu poderia provar com centenas de textos se fosse necessário <sup>1</sup>.

Esse *a* explica a razão por que em Lisboa se diz *óito* com *ó*, e *dezóito* com *ó*: é que *dezóito* não se compõe de *dez* + *óito*, mas sim de *dez* + *a* + *óito* (como *dezanove* = *dez* + *a* + *nove*, *dezasete* = *dez* + *a* + *sete*), onde *a* + *ó* deu *ó*, como succedeu com o archaico *maór* que deu *mór*.

A fôrma *dezaeito*, que eu tinha deduzido theoricamente na minha *Revista Lusitana* <sup>2</sup>, achei-a depois em gallego, que, como se sabe, é um co-dialecto português, onde também existe *dezanove*, *dezaseis*, *dezasete*, tudo com *a* e não com *e* <sup>3</sup>; um amigo meu indica-me também a existencia de *dezaeito*, no sec. XVIII, num livro ms. do Conselho Ultramarino <sup>4</sup>. Aqui está uma pequena amostra de como o methodo linguístico chega a resultados certos.

Tambem nos dialectos do Sul se diz *vint'a*

---

<sup>1</sup> Em Bernardes, por ex., *Nova Floresta*, II, 114, *dezanove*; em F. M. Pinto, *Peregrinações*, cap. XIX, *dezasete*, etc. etc.

<sup>2</sup> Vol. II, pag. 26.

<sup>3</sup> Vid. *Dicc. gallego-cast.* de Valladares Nuñez, Santiago 1884, s. v.

<sup>4</sup> Hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa, n.º 437 (2.ª série).

um, *vint'a dois*, etc., talvez pelo mesmo motivo.

Não obstante isto, na *Orthographia Portuguesa* dos srs. Santos Valente e Francisco de Almeida, Lisboa 1886, dá-se menos avisadamente *dezóito* como êrro, e manda-se sem motivo pronunciar *dezóito* <sup>1</sup>.

Em *dezaseis*, *dezasete*, *dezaeito*, etc., não ha pois *dez + e + seis*, *dez + e + sete*, etc., mas sim *dez + a + seis*, *dez + a + sete*, etc., e este *a* não representa a conjuncção *e*, mas a preposição *a*; é como quem dissesse «*dez junto a seis, a sete, etc.*» <sup>2</sup>.

A respeito das palavras *dezasete* e *dezanove* dá-se até a coincidência de ser em italiano também *diciassete* e *diciannove*. Já Diez explica estas fórmas italianas, como as portuguesas, por meio da preposição *a*, do lat. *ad*; também na lingua valachia as unidades se unem ás dezenas por uma preposição que corresponde ao nosso *a* <sup>3</sup>.

Mais uma vez eu mostro pois ao sr. Candido de Figueiredo que o desconhecimento da história da lingua faz dar continuos tropeções no terreno que á primeira vista se suppõe liso e macio.

Não se me objecte dizendo-se-me que, se realmente se diz *trinta e um*, *quarenta e dois*,

<sup>1</sup> Ob. cit., pag. 154.

<sup>2</sup> Cfr. Epiphanyo Dias, *Grammatica portugueza elementar*, 8.ª ed., §. 48, nota.

<sup>3</sup> Vid. Diez, *Grammaire des langues romanes*, II, 409.

etc., com *e*, também por symetria, se espera *e* em *dezaseis dezasete*, etc., devendo ser pois *dezeseis*, *dezeseite*, etc. Já acima eu disse que, se lá entrasse *e*, este *e* se devia pronunciar *i* (como em *quarenta i dois*, *cincoenta i sete*, etc.), o que não succede; além d'isso nenhuma razão phonetica ha para que esse *e* ou *i* se mudasse em *a* em *dezaseis*, *dezasete*, etc., onde a existencia d'este som é não só popular, mas revelada pela litteratura antiga.

Agora a razão da symetria também nada prova:

1.º, porque, se devia haver symetria, de *dezaseis* para cima, com os numeros superiores a *vinte*, também a devia haver de *dezaseis* para baixo, o que não succede, porque em lugar de *dezacinco* ou *dezecinco*, *dezequatro*, *dezetres*, *dezedois* e *dezeum*, que, segundo esse argumento, devião existir, temos pelo contrario *quinze*, *quatorze*, *treze*, *doze* e *onze*, que destroem completamente a symetria;

2.º, porque a symetria que ha de *dezaseis* até *dezanove*, numeros em que a unidade se pospõe á dezena, não existe nos numeros inferiores, pois em *quinze*, do lat. *quindecim*, *quatorze*, do lat. *quattuordecim*, etc., é pelo contrario a dezena que se pospõe á unidade.

Logo, se em dois casos deixa de haver symetria, que admira que noutro também a não haja, quando de mais a mais o *a* se justifica pela pronúncia popular moderna e pela litteratura antiga (que é ordinariamente a base nestes estudos), e se explica por analogia com as outras linguas romanicas, e de accôrdo com o sentido geral?

## 16. Anthraz

Com o pseudonymo de *Esculapio* perguntou alguém ao nosso A. qual seria o adjectivo correspondente á palavra *anthraz*. Depois de várias considerações que não vem a pêlo referir, e de ter citado Nysten e fallado em Chernoviz, conclue o sr. Figueiredo que se poderia formar um adjectivo *antrácico*<sup>1</sup>.

Noto porém que era escusado despendar tanta *erudição* e tanto trabalho, pois que ha em lat. o adjectivo *anthracinus* (grego *anthrákinos*), correspondente ao substantivo de que provém o nosso *anthraz*.

## 17. Desinquieto

Á cêrca da formação d'esta palavra, de que eu já fallei no meu opusculo *O texto dos Lusíadas segundo as ideias do sr. Gomes de Amorim*<sup>2</sup>, diz o sr. Figueiredo: « É possível comtudo que o *des* fosse corruptela de *tres*, e que primitivamente se dissesse *tresinquieto*, para designar grande inquietação, como se diz *dobrar* e *tresdobrar*, e como de *tresvairar* se fez *desvairar* »<sup>3</sup>.

Outr'ora podia fallar-se facilmente de *corru-*

---

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 130.

<sup>2</sup> Porto, 1890, pag. 26.

<sup>3</sup> *Lições*, pag. 138.

*ptela de linguagem*, por isso que as leis d'esta  
 são mal conhecidas; todavia hoje devemos  
 ter mais algum cuidado na nossa exposição,  
 porque, conquanto a Linguística não resolves-  
 se ainda todos os seus problemas, tem já  
 adiantado o sufficiente para que a considere-  
 mos como sciencia rigorosa, com seu methodo  
 proprio, que precisa de ser acatado quando al-  
 guem entra no campo da linguagem.

Quero eu dizer na minha que nem *desvairar*  
 pôde ter provindo de *tresvairar* (aliás *tresvariar*),  
 nem *desinquieta* de *tresinquieta*, porque isso  
 importaria um absurdo phonetico: o *t* inicial  
 não se muda em *d*, nas condições indicadas,  
 mas mantem-se, como o provam dezenas de  
 palavras nas mesmas circumstancias.

As fórmulas com *des-* e as com *tres-* são in-  
 dependentes umas das outras; cada uma tem  
 sua origem á parte.

### 18. Registo

Assevera o sr. Figueiredo que é melhor di-  
 zer *registo* do que *registro*, porque a palavra  
 vem de *res gestae*, onde não ha *r*<sup>1</sup>. Ora a pala-  
 vra, na sua *origem remota*, não vem de *res ges-*  
*tae*, mas do participio *regestus*, que quer dizer  
 «consignado, inscrito, transcrito», etc., onde  
 effectivamente não ha *r*<sup>2</sup>; mas na sua *origem*

<sup>1</sup> Lições, pag. 146.

<sup>2</sup> Cfr. Du Cange, *Glossarium*, s. v. *regestum* e *reges-*  
*trum*.



*immediata para nós vem do latim medieval *registrum*<sup>1</sup>. Temos portanto *registro*, a que, também com *r*, corresponde o francês *registre* ou *regitre*, o hespanhol *registro* e o italiano *registro*.*

De *registro* é que depois veio *registro*, pela dissimilação do segundo *r*, o que igualmente succedeu em *rosto*, do português antigo *rostro*, do lat. *rostrum*.

Diz o sr. C. de F.: « Prefiro *registado* a *registrado*, não só por euphonia, mas até pela filiação da palavra »<sup>2</sup>. Por euphonia, pôde dizer; agora pela filiação da palavra, não, porque, como vimos, *registro* vem directamente de *registrum*, através do archaico *registro*. É pura questão de logica<sup>3</sup>.

#### 19. Nomes proprios precedidos de artigo

Como é sabido, ha nomes de terras que são precedidos de artigo, como nos ex. *vou ao Porto*, *vou ao Seixal*, etc., e outros que o não são, como nos ex. *vou à Bragança*, *vou a Beja*, etc. Diz o sr. Figueiredo: « são precedidos do artigo *o* ou *a* os nomes proprios de terras, que primitivamente eram nomes communs ou *appella-*

<sup>1</sup> Cfr. id., *ib.*, s. v. *registrum*.

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 146.

<sup>3</sup> [Como, na 2.<sup>a</sup> ed., o sr. Figueiredo acceitou á socapa uma parte da minha doutrina, será bom lêr *O gralho depennado*, pag. 29 e 41-42].

tivos», e depois accrescenta com majestade : « Não acho estas razões nos mestres, mas occorrem-me naturalmente » <sup>1</sup>.

Ora eu não me quero considerar como mestre do sr. Figueiredo ; comtudo, lembrar-lhe-hei que, já em 1887, eu tinha escrito na minha *Revista Lusitana* <sup>2</sup> o seguinte : « Em geral no nosso país antepõe-se o artigo àquelles nomes proprios que primitivamente forão nomes communs, ex. o *Porto*, a *Guarda*, as *Paredes*, os *Carvalhos*, etc., e está aqui ás vezes um criterio que deve guiar o philologo no seu estudo, etc. »

E já outros terão tambem dito isto. Nem eu o apresentei na *Revista Lusitana* como novidade, foi por incidente, como cousa sabida. A novidade é só aqui, para o sr. Figueiredo, que já se vangloriava da descoberta ! *Tumens inani graculus superbia*...

## 20. Rubrica

Escreve o sr. Figueiredo com muita pilheria : « O uso geral diz *rubrica* ; mas se D. Josefa disser *rúbrica*, ninguem a leva presa » <sup>3</sup>. E noutro ponto accrescenta : « ambas as pronuncias são permittidas, e opto pela *rúbrica* » <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 147.

<sup>2</sup> Vol. 1, pag. 49.

<sup>3</sup> *Lições*, pag. 152.

<sup>4</sup> *Ibid.*, pag. 167.

Era no emtanto bom dizer o motivo da sua preferencia: se é acustico, se é philologico. Poderá ser acustico, e esse não o discuto eu, porque ninguém pôde discutir as sensações dos outros; agora scientificamente é que o A. se não pôde justificar, porque quer *rubrica* se tire do verbo *rubricar* (lat. *rubricare*), quer do subst. lat. *rubrica*, em qualquer dos casos o *i* é accentuado: por tanto *rubrica*, e de nenhum modo *rúbrica* <sup>1</sup>.

## 21. Alcool

Se o plural não é *alcools*, como inscientemente para ahi se escreve, e o sr. Figueiredo com razão condemna <sup>2</sup>, tambem não é *alcoes*, como este senhor por duas vezes estatue; mas sim *alcooes*, como já vem na *Grammatica portugueza* do sr. Epiphanio Dias <sup>3</sup>.

## 22. Origem do futuro grammatical

Alguem perguntou ao sr. C. de Figueiredo se o verbo *indemnizar-me-ha*, assim escrito, es-

---

<sup>1</sup> [O sr. Figueiredo, ao vêr a argumentação cerrada com que o prendi n-*O gralho depennado*, pag. 30-31, humilhou-se a ponto de na 2.<sup>a</sup> ed. das *Lições* supprimir, a proposito de *rubrica*, um capitulo inteiro da 1.<sup>a</sup> ed.: cfr. *O gralho*, pag. 42].

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 153.

<sup>3</sup> §. 251, 4.—[Devo dizer que noutros pontos das suas *Lições* vem effectivamente tambem *alcooes* (por ex. a pag. 271); cfr. *O gralho*, pag. 31].

tava bem; e o sr. C. de Figueiredo respondeu: «O verbo *haver* não é aqui chamado. O futuro *indemnizará*, com o pronome *me*, por um *idiotismo* da nossa lingua ou pela figura *tmese*, constituem uma só palavra, intercalando-se o pronome antes do ultimo *á* de *indemnizará*; e, como aqui não ha *h*, nem participação expressa do verbo *haver*, escrevo *indemnizar-me-á* » <sup>1</sup>. Noutro ponto continúa o A. d'este modo: «Um diz-me que *ver-se-ha* corresponde a *ha de ver-se*, em que entra o verbo *haver*; outro assenta a teoria de que o futuro dos verbos é formado do infinito dos mesmos verbos e do presente do indicativo do tal *haver*, assim: — *caturrar-hei* (caturrarei). Em *lições practicas*, como estas, prendem-me pouco as theorias; mas, acceitando a theoria do *Caturrinha Alemtejano* e de varias grammaticas muito estudadas, eu seria levado a escrever *caturrar-hei, verhá....*; e, se tal escrevesse, até *Caturrinha* se benzeria tres vezes. Mas é que não acceito (*sic !!*) essa theoria. Tenho outra que não sei se vem nas grammaticas.... e é que *ver-se-á* é a transformação euphonica do prohibido *verá-se*: desloco do meio da palavra para o fim o *á*, e fica-me *ver-se-á*. Não ha nada mais simples » <sup>2</sup>.

E eu tinha vontade de accrescentar: não ha nada mais desacertado! Vamos por partes. O sr. Candido de Figueiredo estabelece:

---

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 193.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pag. 249.

1.º que é um *idiotismo* ou a « *figura* » *tmese* o motivo de se intercalar *me* em *indemnizará*, resultando *indemnizar-me-á*;

2.º que na formação do futuro português o A. não acceta a theoria da acção do verbo *haver*;

3.º que o prendem pouco as theorias em geral;

4.º que *ver-se-á* é puro deslocamento euphonico de *verá-se*.

Discutirei successivamente cada um d'estes quatro pontos:

1.º O que em grammatica se chama *figura* não é a causa das alterações phoneticas. Nisso está o sr. Figueiredo muito enganado. As alterações phoneticas fazem-se instinctivamente: e nós chamamos *figura* (que é uma expressão impropria) ao resultado final. Não é pela *figura* que se faz a alteração; da alteração é que resulta a *figura*.

O mesmo direi de *idiotismo*: esta palavra (que é outra expressão impropria) representa um dado phenomeno da lingua; não é tambem uma causa. Se se diz *indemnizar-se-ha*, não é por *idiotismo*; o *idiotismo* é que pelo contrario consiste em se dizer assim.

Por consequente o seu primeiro raciocinio é sem logica.

Dado mesmo o caso de o raciocinio ser verdadeiro, podia perguntar-se ainda: e porque se empregaria a *figura*? O fallar pois em *tmese* ou *idiotismo* não explica cousa alguma: essas palavras servem apenas para traduzir um facto,

cujá explicação porém se busca. É o tal argumento do outro: o opio faz dormir, porque tem *virtude dormitiva*. Tanto importa dizer que o opio tem virtude dormitiva, como dizer, com o sr. Figueiredo, que em *indemnizar-se-ha* se dá uma t m e s e. O nosso espirito fica vazio em qualquer dos casos.

2.º O A. diz que na formação do futuro grammatical não acceita a theoria da acção do verbo *haver*. Mas com que direito diz—*não acceito*? Por ventura, elle, que não dá prova nenhuma séria, pôde recusar-se a acceitar um facto que já desde o sec. xv foi estabelecido com tão bons argumentos?

Eu contentava-me com remetter o sr. Figueiredo e os leitores para os trabalhos nacionaes e estrangeiros que tratão do assumpto com desenvolvimento; para mais clareza, porém, expo-lo-hei aqui, o que aliás é simplícissimo de fazer.

Em latim, ao lado do futuro propriamente dito, usavão-se construcções periphrasticas, como estas: *habeo dicere, venire habet, habeo convenire*, etc., algumas das quaes se encontram no proprio Cícero, o que significa que ellas erão tão vulgares na lingua familiar, que chegarão a transparecer na alta litteratura; o seu uso foi augmentando com o tempo, tornando-se mais tarde muito frequentes. É de expressões como *partire habeo, audire habeo, amare habeo* que provém o futuro em diversas linguas romanicas, como aliás, dentro de cada uma d'ellas, se mostra com clareza:

## HESPAÑOL

*amaré* = infinitivo *amar* + *he* (verbo *haber*)

<i>amarás</i>	»	»	<i>has</i>
<i>amará</i>	»	»	<i>ha</i>
<i>amarémos</i>	»	»	<i>hemos</i>
<i>amaréis</i>	»	»	<i>h(ab)eis</i>
<i>amarán</i>	»	»	<i>han</i>

## ITALIANO

*compreró* (\**compraró*) = *comprar*(e) + *ho* (verbo *avère*)

<i>comprerai</i>	»	<i>hai</i>
<i>comprerà</i>	»	<i>ha</i>
<i>comprerémo</i>	»	<i>(abbi)amo</i>
<i>compreréte</i>	»	<i>(av)éte</i>
<i>compreranno</i>	»	<i>hánno</i>

## FRANÇAIS

*donnerai* = infinitivo *donner* + *ai* (verbo *avoir*)

<i>donneras</i>	»	»	<i>as</i>
<i>donnera</i>	»	»	<i>a</i>
<i>donnerons</i>	»	»	<i>(av)ons</i>
<i>donnerez</i>	»	»	<i>(av)ez</i>
<i>donneront</i>	»	»	<i>ont</i>

## PROVENÇAL

*chantarai* = infin. *chanter* + *ai* (verbo *aver*)

<i>chantaras</i>	»	»	<i>as</i>
<i>chantará</i>	»	»	<i>a</i>
<i>chantarem</i>	»	»	<i>(av)em</i>
<i>chantaretz</i>	»	»	<i>(av)etz</i>
<i>chantaran</i>	»	»	<i>an</i>

## CATALÃO

*sentiré* = infin. *sentir* + *he* (verbo *haver*)

<i>sentirás</i>	»	»	<i>has</i>
<i>sentirá</i>	»	»	<i>há</i>
<i>sentirém</i>	»	»	<i>hém</i>
<i>sentireu</i>	»	»	<i>h(av)éu</i>
<i>sentirán</i>	»	»	<i>han</i>

Em valachio e ladino é que o futuro se não fórma com o verbo *h a b e r e*, mas com os verbos *velle* (a primeira d'aquellas linguas) e *venire* (a segunda), como se vê em Diez <sup>1</sup>.

Ha alguns dialectos, onde a formação com *habere* é ainda mais clara: assim no dialecto sardo de Cagliari sepáram-se os dois elementos, como *appu bi*, onde *appu* significa *habeo*, e *bi* significa *videre*; no dialecto de Lugodoro tanto se diz *hat fagher* (de *habet facere*), como *fagheràt* (de *facere habet*) <sup>2</sup>.

Se pois nas principaes linguas romanicas o futuro se fórma tão claramente do infinitivo dos verbos com o presente do indicativo de *habere*, só quem fôr cego é que não vê que o futuro português, por ex. *verei*, *verás*, *verá*, *veremos*, *vereis*, *verão*, se fórma de *ver* + *hei*, *ver* + *hás*, *ver* + *há*, *ver* + *hemos*, *ver* + *heis*, *ver* + *hão* <sup>3</sup>.

Existirá algum facto grammatical mais evidente do que este? E ainda o sr. Figueiredo terá direito de dizer que *não acceita* a theoria?

Esta theoria já é conhecida, como eu disse acima, desde o sec. xv, da grammatica de Ne-

<sup>1</sup> *Gram. des lang. rom.*, II, 110.

<sup>2</sup> Vid. Thielmann, num artigo intitulado «*H a b e r e mit dem Infinitiv und die Entstehung des romanischen Futurums*», publicado no *Archiv. für lateinische Lexikographie und Grammatik*, vol. II (a pag. 48), — artigo que é além d'isso extremamente rico de factos.

<sup>3</sup> As fórmulas *hemos* e *heis* também se usão, assim avulsas, na linguagem familiar, e ás vezes se escrevem em estylo da mesma natureza.



brissa ou Lebrija <sup>1</sup>. O primeiro que em Portugal deu conta d'ella foi Duarte Nunes do Leão, na *Origem da lingua portuguesa* <sup>2</sup>. Muitos grammaticos portugueses depois de Duarte Nunes a tem exposto <sup>3</sup>. E até ella se acha em jornaes de vulgarização <sup>4</sup>. Em grammaticas elementares recentissimas, como a do sr. Epiphanio Dias, vem ella tambem. O sr. Figueiredo devia refutar as ideias contidas nestes trabalhos, antes de exclamar pomposamente que *não acceitava a theoria*.

Uma fórmula, por tanto, como *darei* consta de *dar + hei*, que corresponde a *hei dar*, — pois ainda na litteratura antiga se encontra em certos casos o infinitivo preposto ao verbo principal que o pede, por ex. na *Historia do Santo Graal* <sup>5</sup>: «que *de contar seja*» <sup>6</sup>, «quanto se *ir póde*» <sup>7</sup>, «que se *acalçar podesse*» <sup>8</sup>, etc., onde hoje pelo contrário posporiamos o infinitivo.

Quero dizer que, assim como era usual *ir póde*

<sup>1</sup> Cfr. Diez, *ob. cit.*, II, 109; vid. tambem Sanchez Moguel, *Le futur roman et la Grammaire de Lebrija* (in *Mémoires de la Société de linguistique de Paris*, VI, 176-179).

<sup>2</sup> Pag. 75 (na ed. de 1864): cfr. Adolpho Coelho, *Theoria da conjugação*, pag. 116, nota.

<sup>3</sup> Cfr. Manuel de Mello, *Da glottica em Portugal*, 1872-1889, pag. 312 sqq. e nota.

<sup>4</sup> Por ex. n-*O Ensino*, Porto 1877, pag. 19 sqq., num artigo de Julio Moreira, intitulado *Formação do futuro nas linguas romanicas*.

<sup>5</sup> Berlim 1887.

<sup>6</sup> Pag. 48.

<sup>7</sup> Pag. 96.

<sup>8</sup> Pag. 140.

por *póde ir*, nada tem de estranho *dar hei* por *hei dar*. Na lingua moderna não se usa *hei dar*, usa-se *hei de dar*, mas tanto em AA. antigos, como nos dialectos, se encontra o verbo *haver* junto a um infinitivo sem *de*, por ex. *haveis fazer*, *havemos amar* <sup>1</sup>.

Verbos mesmo como *direi*, *farei* e *trarei*, que parecem mais afastados, se explicão perfeitamente: primeiro foi *dizerei*, *fazerei* e *trazerei* <sup>2</sup>; depois, por syncope do *e*, o que não tem nada de anormal, ficou *\*diz'rei*, *\*faz'rei* e *\*traz'rei*, d'onde, pela assimilação de *z* a *r*, por ser impossível na nossa lingua aquelle grupo (cfr. na lingua usual *dé-reis*, etc. por *dez reis*), resultarão as fórmas actuaes. Assim se explicão melhor do que pela pura syncope de *z*, que se não póde justificar.

Agora o sr. Figueiredo observa que, se fosse exacto vir o futuro *verhá*, *caturrarei*, etc., de *ver* + *ha* e *caturrar* + *hei*, se devia escrever *verhá* e *caturrarhei*, o que faria benzer Caturrinha tres vezes (!). Mas, o facto de uma orthographia nos parecer estranha *á nossa vista* é lá bastante para que uma *these demonstrada* se rejeite?

Não se escreve *verhá*, mas podia escrever-se, e, se não se escreve, é simplesmente porque, no fallar ordinario, *se perdeu a conscien-*

---

<sup>1</sup> Vid. os exemplos em J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, 1888, §. 322 e nota 4. Pela minha parte também tenho encontrado exemplos, tanto na litteratura, como na linguagem popular.

<sup>2</sup> Cfr. Freire, *Reflexões*, II, 33.

*ia* de que entra no futuro o verbo *haver*, desempenhando então as terminações do futuro a mesma função que por exemplo *-va*, *-vas*, em *amava*, *amavas*, etc. Por uma razão semelhante se escreve o substantivo *hora* com *h*, e o adverbio *ora* sem *h*, apesar de o primeiro vir do lat. *hora* (i. é., *horam*) e o segundo de *ad horam*, quero dizer, apesar de em ambos entrar o lat. *hora*: é que em *hora* ha consciencia do substantivo latino, e em *ora* não ha.

Parece-me que o que deixo dito basta para esclarecer o leitor, e refutar o 2.º ponto do sr. Figueiredo. Fallarei agora do 3.º

3.º Proclama o sr. Figueiredo que se não prende com as theorias. É isto apenas um dizer especioso. O sr. Figueiredo não se prende com as theorias, quando não póde entender-se com ellas. Mas elle está em contradicção, pois em alguns pontos do seu livro busca até dar etymologias de palavras latinas! Nem eu percebo como se deva escrever um livro d'esta natureza sem se entrar em explicações.

O nosso A. vê comtudo que, se como eu fiz no n.º 2 d'este paragrapho, buscasse, com certo methodo e conhecimento da litteratura do assumpto, as razões das coisas, não erraria tanto, ou pelo menos *erraria bem*, porque também se póde errar com methodo. O sr. Figueiredo parece que se vexou de citar no seu livro os trabalhos contemporaneos que ha âcerca da lingua portugueza, contentando-se com zombar de um ou outro á socapa. A sciencia será porém isto?

4.º Na sua 4.ª these, o sr. Figueiredo quer

sustentar que *ver-se-á* é puro deslocamento euphonico de *verá-se*. E, dizendo isto, cuida ter resolvido a questão, como se o dizer-se *verd-se*, que aliás pertence á linguagem popular; fosse cacophonico!

Nós geralmente achamos mais euphonico aquillo que estamos habituados a pronunciar; e cacophonico o contrario. Assim *ver-se-ha* parece-nos melhor soante do que *verá-se*. Ha no emtanto aqui uma illusão acustica. Basta um pouco de reflexão philosophica para nos convencermos de que tão sonoro deve ser um como outro. Senão, chamemos um estrangeiro, e pronunciemos-lhe as duas palavras; e elle não achará motivo serio para preferir uma á outra.

Se eu digo por ex. *lavei-me*, que difficuldade poderia ter em dizer, *lavarei-me*, onde as terminações são iguaes? E porque não digo então *lav-me-ei* em vez de *lavei-me*? O dizer-se pois *lavar-me-hei*, em logar de *lavarei-me*, não é questão de euphonia. É outra.

Antes de tudo observarei que esta apparente intercalação do pronome no meio do verbo não é especial do portuguez, pois tambem se dá em hespanhol e provençal<sup>1</sup>. Por tanto, póde já concluir-se que este phenomeno deve obedecer a uma causa mais geral do que a delicada faculdade acustica do sr. Candido de Figueiredo. E de facto obedece.

Realmente em *ver-me-hei*, *sorrir-se-hão*, *acharnos-he-mos*, etc., não ha em rigor *tmese* nenhuma, porque na origem *verei*, *sorrirão* e *achare-*

<sup>1</sup> Cfr. F. Diez, *Gram. des lang. rom.*, II, 109.

mos não são palavras simples, são frases, e a intercalação dos pronomes não se deu na epocha em que a consciencia phrasica se tinha já perdido, mas na epocha em que ainda existia. Eu me explico melhor. Os primeiros que disserão *verei*, *sorrirão* e *acharemos*, etc., não vião nestas palavras fórmulas simples, mas sim agrupamentos de duas fórmulas: *ver hei*, *sorrir hão*, *achar hemos*; o que correspondia, como mostrei acima, a *hei ver*, *hão sorrir*, *hemos* ou *havemos achar*; ou o que correspondia ás locuções modernas *hei de vér*, *hão de sorrir*, *havemos de achar*.

Ora no português antigo, e não é preciso remontar muito longe, havia mais facilidade de inverter a collocação dos pronomes em relação ao verbo do que hoje. Por brevidade, pois eu tenho lido centenas de exemplos, citarei só aqui Manuel Bernardes <sup>1</sup> e Frei Amador Arráiz <sup>2</sup>: «*ha se de pôr* a considerar», e «*hei me de deter* um pouco». Nós hoje invertemos os pronomes e dizemos: «*ha de pôr-se*» ou «*ha-de-se pôr*», e «*hei de deter-me*», ou «*hei-de-me deter*». Por tanto quem em *verei*, *sorrirão*, *acharemos* via duas palavras *ver hei*, *sorrir hão* e *achar hemos*, não tinha dúvida nenhuma em collocar no meio de cada uma d'essas frases os pronomes *me*, *se*, *nos*, por isso que era o uso geral, e dizer *ver me hei*, *sorrir se hão*, *achar nos hemos*; e tanto é verdade isto que digo, que com frequencia nos livros antigos se acha

<sup>1</sup> *Nova Floresta*, vol. II, pag. 55.

<sup>2</sup> *Dialogos*, ed. 1589, fl. 2.

o verbo *haver* destacado, como em *irnos hemos*, *verme hei*, etc.

Depois estes modos de dizer tornarão-se typicos, serão considerados também como locuções ou *phrases feitas*, e permanecerão na lingua até hoje, como fórmulas normaes e vivas, quando ellas não são senão o vestigio crystallizado de uma antiga construcção syntactica. Logo, repito, em *ver-me-hei* não ha propriamente *tmese*, porque a *tmese* consiste em intercalar uma palavra entre dois elementos de outra, e *verei* não é na origem uma palavra, mas uma phrase composta de duas palavras distinctas. Logo também é menos exacto o escrever *ver-me-ei*, *sorrir-se-ão*, *achar-nos-emos*, como quer o sr. Figueiredo, porque, se os pronomes se fazem seguir immediatamente ao infinito, é porque se mostra que ha ou houve consciencia de que o futuro constava primitivamente de duas palavras separadas, e por tanto deve reapparecer o *h*.

Raciocinarei aqui como acima raciocinei a proposito de *hora* e *ora*. Escreve-se *indemnizarei*, *indemnizarás*, etc., sem *h*, e *indemnizar-me-hei*, *indemnizar-te-has*, etc., com *h*, porque no primeiro caso quem falla não tem consciencia de que entra nessas fórmulas o verbo *haver*, com quanto elle lá entre, e no segundo caso aquelle que falla revela, por tradição antiga ininterrupta, essa consciencia, senão nelle, ao menos nos primeiros que assim dissérão.

Se não me fiz entender, e se o sr. Figueiredo ainda se não convenceu, então não sei como hei-de argumentar, pois eu argumentei com a análise philologica, colligindo parallelos do nosso caso em outras linguas romanicas; ar-

gumentei com a análise histórica, mostrando as phases archaicas da forma moderna; argumentei com a análise psychologica, referindo-me á euphonia e ao que se chama *consciencia da linguagem*.

Ainda assim notarei que o que principalmente me preocupou nesta discussão não foi o escrever-se com *h* ou sem *h*, porque isso é questão sem grande importancia; preocupou-me, sim, a explicação da origem do phenomeno grammatical chamado *tmese*.

A não existir em *lavar-me-hei*, etc., consciencia de que essa expressão se compunha de duas, era natural que houvesse outras flexões verbaes com *tmese*; ora não existe mais nenhuma, senão o condicional, que tem uma origem analoga á do *futuro*, pois se fórma de *havia*, como se demonstra com raciocinios semelhantes aos que empreguei na explicação do futuro. Ninguém diz por exemplo *lav-te-as*, *que-me-ro*, etc., em vez de *lavas-te*, *quero-me*, ao passo que se diz *lavar-vos-hieis*, *encher-nos-hiamos*, etc. Porque é isto? É porque o condicional, como o futuro, é realmente um composto de duas palavras, e não uma simples, como á primeira vista parece.

### 23. Repertorio

Por occasião de estabelecer que se deve escrever *repertorio*, e não *reportorio*, diz o A.: «vulgarmente chamam-se *reportorios* os almanques e calendarios populares, e talvez a pa-

lavra possa derivar-se de *reportar*; mas o seguro é dizer *repertorio* » <sup>1</sup>.

Se a palavra viesse de *reportar*, o seguro seria escrever *repertorio*! Mas se assim não é, qual então a razão com a qual o sr. Figueiredo convence os seus leitores de que effectivamente deve ser *repertorio*? Pois elle escreve: a palavra pôde vir de *reportar*, onde ha *o*, mas o seguro é escrevê-la com *e*. O seguro... porquê? Que motivo nos allega?

Insisto numa cousa de tão pouca importancia, porque isto nos prova não só a falta de methodo do sr. Figueiredo, mas tambem que o estudo da phonologia lhe não mereceu aquella attenção necessaria para poder conscienciosamente tratar dos pontos que quis tratar. Entretanto, eu o vou esclarecer.

A razão por que se deve escrever *repertorio* com *e*, é porque a palavra vem do lat. *reperitorium*, do verbo *reperio* (*repertum*); nada tem que ver com *reportar*, pois o substantivo analogo que este verbo pedia era *reportatorio*, que não existe.

A razão por que tambem se diz *repertorio* com *o*, que porém hoje soa *u*, é porque é uma tendencia da nossa lingua, na pronúncia vulgar, mudar em certas circumstancias em *o* ou *u* a vogal atona *e*, quando está proxima de uma consoante labial, que d'esse modo a assimila, pois *u* e *o* são tambem labiaes: assim ouve-se muito frequentemente ao povo: *do baixo* (= de baixo), *bober* (= beber), *romendo* (= remendo),

---

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 199.



*costrar* (=quebrar), etc. Tão exacto é isto, que o verbo *bober* e *costrar*, e os outros que ha, nos tempos em que a vogal é tónica, não tem o (u), mas sim e, que só se muda em o (u) quando atono: d'aqui o dizer-se *bebo bebes bebe*, a par de *bobemos bobia boberei*, etc. Não ha nada mais claro.

Este phenomeno da lingua vulgar tem a sua correspondencia na lingua culta, onde ha por ex. *vibora*, do lat. *vipera*, cujo e atono se mudou na labial o (u) por estar ao pé da labial p, exactamente como succedeu com *repertorio*, que provém de *repertorio*.

A influencia das consoantes labiaes nas vogaes, em portugûês, foi estudada pelo sr. Julio Cornu (professor de philologia na Universidade de Praga) num artigo da revista francesa *Romania* <sup>1</sup>, ao qual o sr. Gonçalves Vianna fez algumas addições no seu trabalho *Études de grammaire portugaise* <sup>2</sup>. O mesmo prof. austriaco voltou a tratar do assumpto no já citado estudo *Die portugiesische Sprache*, §. 95.

Não imagine o sr. Figueiredo porém que o mudar-se o e em vogal labial ao contacto de consoantes da mesma natureza é peculiar da nossa lingua; não senhor, ha nisso uma lei geral: assim como em port. (popularmente) se diz *bober* (mas *bebo*), em italiano diz-se *dovere* (mas *dévo*); na mesma lingua se diz *domandare* (do lat. *demandare*), *rubello* (do lat. *rebellis*), etc.; em francês diz-se *jumeau* (do lat.

<sup>1</sup> Vol. x, pag. 336.

<sup>2</sup> Louvain, 1884 (extracto da revista *Muséon*, II, 314).

gemellus); cfr. também a fôrma provençal *prumier*, analoga á nossa fôrma popular *prumieiro* ou *primeiro* (em gallego *pormeiro*). E mais casos se podião ainda citar <sup>1</sup>.

Não se persuadirá ainda o sr. Figueiredo de que sem algum conhecimento, ligeiro que seja, da philologia da lingua em que quisermos legislar, não temos direito de asseverar coisa alguma?

24. Origem do artigo «o», e do «n»  
de «no, neste», etc.

Estranhando a orthographia *n'aquelle, n'este*, etc., com apostropho, diz o sr. Candido de Figueiredo: «Os escrevedores, ainda os menos lidos, sabem que *n'este* é a contracção de *em este*, eliminando-se o primeiro *e*, e substituindo-se *m* por *n*» <sup>2</sup>.

Os menos lidos... d'accôrdo; agora os mais lidos não, porque estes sabem que o sr. Figueiredo errou, e errou de véras, no que acaba de escrever, — como d'aqui a pouco provarei.

Tambem a pag. 277, respondendo a uma pergunta que lhe fizeram sobre se se havia de escrever *dizêl-o* ou *dizê-lo*, diz que «ha razões de ambos os lados», porque quem adopta o primeiro modo suppõe que *dizêl-o* está por *dizer o*, com a simples mudança de *r* em *l*, e

<sup>1</sup> Vejam-se sobre isto as *Grammaticas das linguas romanicas* de F. Diez (vol. I, pag. 162 sqq.), e de Meyer-Lübke (vol. I, §. 364).

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 200.

quem adopta o segundo modo funda-se, « quando se funda em alguma coisa (*sic!*), em que o *r* desapareceu por eufonia », e que « se mantém o pronome antiquado *lo* ». Todavia o A. prefere a segunda fôrma orthographica, « sobre tudo porque limitâmos o numero das excepções » (!). No remate do artigo lê-se : « como porém não podem capitular-se de erro as fôrmas divergentes (*sic!*) *dizêl-o* e *dízel-o*, não vale a pena deslindar teorias ».

Se, depois do que tenho escrito, fosse precisa mais alguma prova da leviandade e ausencia de orientação philologica com que o sr. Figueiredo escreve, bastava este trecho. Então o facto de com dada maneira de escrita se evitar casualmente uma excepção orthographica é lá motivo para fazer adoptar essa maneira, se ella não for justa?

Depois o sr. Figueiredo chama a *dízel-o* e *dizêl-o*, por *díze-lo* e *dizê-lo*, fôrmas divergentes. Mas não são factos d'estes os que em Philologia se chamão *fôrmas divergentes*. Ao nosso A. convinha pelo menos conhecer a technica da sciencia de que se occupa. Eu o elucido.

Dá-se o nome de *divergentes* a duas ou mais fôrmas diversas que uma mesma palavra tomou, em virtude de circumstancias differentes que nella actuarão, por exemplo, *gentio* e *genitivo*, que descendem do lat. *genitivus* (*genetivus*), a primeira (que não póde phoneticamente ser tirada de *gentilis*, como se tem feito) por via popular, a segunda por via litteraria. E applica-se principalmente o nome de *fôrmas divergentes*, quando essas palavras tomão sentidos diversos, como no exemplo citado.

Fórmãs como *dízel-o* e *dizél-o* nunca se chamão *divergentes*, nem entre si, porque cada uma vem da sua fonte (*dizes* e *dizer*), nem a respeito de *díze-lo* e *dizé-lo*, porque só differem d'estas na orthographia, e não na pronúncia, nem no sentido. Póde o A. estudar o assumpto, com relação ao portugûes, nos trabalhos seguintes:

*Formes divergentes de mots portugais*, por F. Adolpho Coelho, — in *Romania*, 1874, pag. 281-294;

*Questões da lingua portugueza*, pelo mesmo, vol. I, pag. 97;

*A lingua portugueza*, pelo mesmo, Porto 1887, pag. 143;

*Studien zur romanischen Wortschoepfung*, por D. Carolina Michaelis, Leipzig 1876, pag. 206.

As singulares affirmações que do A. transcrevi no comêço d'este §., e as dúvidas em que elle está sobre se ha-de ser *dizél-o*, se *dizé-lo*, levão-me a fazer aqui algumas considerações ácerca da origem do artigo *o* e *a*, afim de demonstrar que a orthographia exacta é *dizé-lo* (sendo *dizél-o* erro), e de explicar a origem do *n* de *no*, *neste* e congeneres.

Muitos AA. imaginárão que o artigo *o* vinha do grego *ὁ*; mas estes AA. não explicavão o plural, que em grego é differente do nosso; não resolvião certas difficuldades que adiante aponto, nem davão razões historicas sufficientes para que se admittisse a plausibilidade de do grego vir tal fórma grammatical. Esta theoria cahiu.

Outros AA., attendendo a que na nossa an-

tiga litteratura apparece ás vezes *ho, ha, hos, has* (onde o *h* tem principalmente por fim dar vulto á palavra, como em *hi, hu, hum*, etc.), voltárão-se para o pronome latino *hic, haec*, no ablativo *hoc, hac*, e virão ahi a origem do nosso artigo; mas taes AA. não sabião que o *h* latino tinha desaparecido da lingua vulgar já nos fins da Republica romana <sup>1</sup>, pelo que não ficarão vestigios d'elle nas linguas derivadas do latim, — e além d'isso, semelhantemente aos do grego, não explicavão bem os pluraes *os, as* (por isso que o ablativo plural de *hic, haec* é *his*), nem outros pontos que em breve notarei. A theoria passou tambem da sciencia, e só num ou noutro trabalho fossil apparecerá hoje: por exemplo, no opusculo n.º 194 da *Bibliotheca do Povo e das Escholas*, intitulado *Philologia*, e sahido ainda ha poucos dias dos prelos, o qual, recheado de erros como está, bem mostra o pouco escrupulo que presidiu a esta publicação <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cfr. Meyer, *Gram. das ling. roman.*, §. 402; e Diez na obra do mesmo titulo, pag. 254-255.

<sup>2</sup> Além dos erros, este opusculo é em grande parte plagiado. O plano geral (divisão da Philologia em sete partes) pertence por inteiro ao *Curso elementar de recitação, philologia e redacção*, do sr. A. Rodrigues de Azevedo, Funchal 1869, pag. 181-182. Muitas definições, como de *philologia, lexicologia*, etc., pertencem igualmente ao sr. Azevedo (ob. cit., pag. 3-6, pag. 182, etc.). O capitulo da *derivação*, pag. 26-32 do vol. da *Bibliotheca do Povo*, é tirado quasi *ipsis verbis* da *Gram. Elementar* do sr. Epiphanio Dias, §§. 92-98. O cap. VIII (pag. 56-62) é copiado (e até com quasi todos os exemplos!) da *Estylistica* do sr. Arsenio de Mascarenhas, pag. 56-59, e 14-20. — Não vale a pena discutir tal opusculo, senão eu provaria até á

É sabido que o artigo definido nas linguas romances (tambem chamadas *romanicas*, *neo-latinas*, *novo-latinas*, — ou simplesmente *romanço*, como tenho achado em livros antigos portuguezes) é uma creação d'ellas, poisque o latim não o possuia.

Para algumas, como o italiano (*il, lo, la*, ant. *ello*), o francês (mod. *le, la*, ant. *lo, li*, etc.), o provençal (*lo, la*, etc.), o hespanhol (*el, la*, etc.), o valachio (*le, lu*, etc.), a origem latina em *ille, illa* (accus. *illum, illam*, no lat. vulgar *illu, illa*), etc., é mais ou menos evidente, sobretudo quando se souber que já nos proprios classicos de Roma *ille* funccionava ás vezes quasi como o nosso artigo definido.

O portuguez porém, com o seu *o, a*, assim descarnados, sem *l*, offerecia difficuldades, principalmente a quem só attendia a éstas fórmas, e não ás outras que ellas tiverão (e ainda

---

evidencia que o A. d'elle não entende nada do assumpto que tratou, tantas são as faltas! O cap. sobre a *origem da lingua portuguesa* contém coisas como estas: que as linguas da Europa e algumas da Asia constituem tres familias, *esclavonica*, *saxonica* e *indo-europeia* (pag. 15)! que a lingua mãe d'esta familia é a *sanskrita* (pag. 15), que é pois tambem a *origem primeira* da nossa lingua (pag. 10)! que da palavra *dez* se fez *decimo* (pag. 13)! Etc. etc. Diz tambem o A. que em Soajo (Minho) existe uma lingua archaica, — o que eu já por vezes refutei. A última affirmacão, bem como a exposicão (mal feita) dos dialectos neo-latinos em geral e dos portuguezes em particular é ainda assim tirada do *Manual da hist. da litterat. port.* do sr. dr. Th. Braga (pag. 10-11)! — Livros assim, com tantas noções erradas, e tão mal amalgamados, são um perigo nas *escolas* e no *povo*, a quem se destinão, porque, longe de adiantarem, atrasão.

em parte tem). D'aqui as hypotheses que ha pouco referi.

Todavia as difficuldades supprimem-se facilmente, pois, antes de se dizer *o a*, *os as*, disse-se *lo la*, *los las*, como por muitos vestigios se prova, por ex. *sea-l' mar* (= *sea lo mar*)<sup>1</sup>, *al cor* (= *a lo cor*)<sup>2</sup>, e a expressão popular moderna do Minho *alvez* (= *a la vez*), etc. Isto de mais a mais está de accôrdo com as outras linguas romances.

Quando tinha de se dizer *em o chão*, *em a casa*, etc. dizia-se por tanto, nas epochas antigas, *em lo chão*, *em la casa*, pois que não havia outra fórma do artigo; e igualmente *com la mão*, *atém la villa* (em portug. antigo, em vez do moderno *até*, dizia-se *atém*), etc.

Uma nasal, porém, em contacto intimo com uma consoante, dá ás vezes a ésta o character de nasal; assim de *Sã Joanne* ou *San Joanne*, através de *\*San-nhoanne*, fizêrão os nossos antigos SANHOANNE (nome local); do lat, *ungula*, através de *\*unlha*, *\*un-nha*, fizêrão *unha*; do lat. singulos, através de *\*senlhos*, *\*sen-nhos*, fizêrão *senhos* (palavra antiga): isto é, as nasaes *ã* ou *an*, *un* e *en* tornárão nasaes o *j* e o *lh* vizinhos, transformando-os em *nh*, que, sem perder o character palatal que *j* e *lh* já tinham, é porém nasal. É um caso de *assimilação*. Depois essas nasaes absorvêrão-se no *nh*.

Por tanto de *em la*, *com lo*, *atém lo* fez-se

<sup>1</sup> No *Cancioneiro da Vaticana*. Vid. Monaci, *Canti antichi portoghesi*, Imola 1873, pag. 7. Cfr. tambem Ad. Coelho, in *Bibliogr. critica*, 1875, pag. 320.

<sup>2</sup> Id. *ibid.* — Id. *ibid.*

tambem em *na*, com *no*, *atém no*: isto é, ao contacto das nasaes em *om*, o *l*, sem deixar de ser linguo-dental, tornou-se nasal, tornou-se *n*.

Os exemplos d'estas fórmas, principalmente da primeira, são numerosissimos até o sec. xv, apparecendo ainda alguns no sec. xvi.

Eis varios casos. Em J. P. Ribeiro, *Dissert. chronol. e criticas*, vol. I: «*en na qual*»<sup>1</sup>, «*com nos juros*»<sup>2</sup>, «*com no tabelliom*»<sup>3</sup>, «*em na era, em na cidade*»<sup>4</sup>, etc. Nos *Ined. de Hist. Port.*, t. v: «*com nos homêes*»<sup>5</sup>, «*com no alcaide*»<sup>6</sup>, «*com nos juyzes*»<sup>7</sup>, etc. Nos *Portug. Monumenta Hist., Leg. et Consuet.*, t. I: «*em nos outros casos*» e «*en no tempo*»<sup>8</sup>, «*en na nossa corte*» e «*en na sa casa*»<sup>9</sup>, «*en na nossa sentença*»<sup>10</sup>, «*en nos moesteyros*»<sup>11</sup>, etc. No *Leal conselheiro* de D. Duarte (ed. Roquette), «*em nos outros*»<sup>12</sup>, «*em nos erros*»<sup>13</sup>, etc. Num ms. da Torre do Tombo, sec. xii, achei *ate no* por *atém no*, no sentido de *até o*. — E bástão estes exemplos.

Assim como em SANHOANNE por *San-nhoanne*, *unha* por *un-nha*, *senhos* por *sen-nhos* (res-

<sup>1</sup> Pag. 286.

<sup>2</sup> Pag. 288.

<sup>3</sup> Pag. 288.

<sup>4</sup> Pag. 291-292.

<sup>5</sup> Pag. 378.

<sup>6</sup> Pag. 379.

<sup>7</sup> Pag. 378.

<sup>8</sup> Pag. 165.

<sup>9</sup> Pag. 166.

<sup>10</sup> Pag. 168.

<sup>11</sup> Pag. 169.

<sup>12</sup> Pag. 132.

<sup>13</sup> Pag. 165.



pectivamente de *San-Joanne*, *un-lha*, *sen-lhos*, como a cima mostrei), as nasaes *an*, *en* e *un* fôrão absorvidas pela consoante nasal seguinte, que era *nh*, passando pois aquellas syllabas a ser *a*, *e*, *u*: assim tambem *en no*, *atém-no*, *con-no* se tornárão respectivamente *até-no co-no*<sup>1</sup> e *e-no* ou *eno*.

Como é d'este ultimo caso que me interessão exemplos agora, aqui os dou, tirados dos *Ineditos de Alcobaca* de S. Boaventura, vol. II: «eno caminho»<sup>2</sup>, «pelejavam os meninos *eno* ventre»<sup>3</sup>, «morava sempre *enas* casas»<sup>4</sup>, «ouve fame *ena* terra»<sup>5</sup>, «*e no* tempo da messe»<sup>6</sup>, etc.

Como o *e* inicial em português está sujeito em certas circumstancias a apherese, ou quéda (por ex. em *namorar*, de *enamorar*), facilmente o *e* de *eno*, na proclise, isto é, antes de outra palavra, a cujo accentto se subordina, foi supprimido na pronúncia, e d'isto resultou a fôrma moderna *no*, com as suas flexões *na nos nas*.

Por tanto o *n* não é, nem podia ser, transformação do *m* de *em*, onde elle de mais a mais não tinha o seu som proprio, mas servia para nasalar o *e*, tanto importando escrever *e* com *m* como com til. Se pois em «*em o*» o *m* não exis-

---

<sup>1</sup> Cfr. Viterbo, *Eluc.*, s. v., onde porém a fôrma é mal explicada.

<sup>2</sup> Pag. 35.

<sup>3</sup> Pag. 37.

<sup>4</sup> Pag. 38.

<sup>5</sup> Pag. 38.

<sup>6</sup> Pag. 47, — onde o *e* está separado.

te, como havia elle de mudar-se em *n*? Digo isto, porque muita gente imagina, com o sr. Figueiredo, que o *n* de *no* vem do *m* de *em* o.

Resumindo, vê-se que a evolução historica de *no*, demonstrada por documentos, foi a seguinte (pondo eu *ẽ* por *em*, para mais clareza)<sup>1</sup>:

$$\tilde{e} \text{ lo} > \tilde{e} \text{ no} > e \text{ no} > eno > no.$$

Não ha nada mais claro. — Vejamos agora a fórma *neste*, e suas congeneres.

O artigo definido é na sua origem um pronome, como vimos; e ainda hoje é quasi indifferente dizer «os homens que trabáhão são felizes», ou «*aquelles* homens que trabáhão são felizes», etc. Por isso facilmente se applica a uns o que se applica ao outro. Ora, como ao fallar se via que *no*, *na* correspondião ás fórmas modernas *em* o, *em* a, transportou-se mentalmente o mesmo phenomeno para *aquelle*, *este*, *outro* e *alguns* (tudo pronomes) e começou, em vez de *em aquelle*, *em este*, etc., a dizer-se tambem por analogia *naquelle*, *neste*, *noutro* e *nalgum*: o que melhor se vê nesta proporção:

$$\frac{\text{em o}}{\text{no}} = \frac{\text{em este}}{x}$$

Logo  $x = \text{neste}$ . E o mesmo raciocinio para os outros pronomes.

<sup>1</sup> Nos *Ineditos de Hist. Port.*, v, 538, por ex., vem assim mesmo: «*ẽ nas herdades*».

Não será isto clarissimo? Por tanto o sr. Figueiredo exprime-se sem exactidão ao dizer que em *neste*, por *em este*, se substituiu o *m* por *n*. Como havia de substituir-se o *m* por *n*, se na palavra *em* não ha *m* nenhum, mas só um *e* nasal?

O dizer-se *neste* é na origem um facto que devia talvez repugnar aos praxistas, mas o uso acceitou-o, e, como disse Horacio <sup>1</sup>, no uso *arbitrium est et jus et norma loquendi*. A equivalencia que se deu entre *neste* e *no* tinha-se dado tambem na epocha em que ainda se dizia *em no*, pois em livros antigos acho *em neste*.

Explicado o *n* de *neste*, passarei a explicar ao sr. Figueiredo o *l* de *dizê-lo*.

Em virtude da origem e natureza do artigo definido, este emprega-se tambem como simples e puro pronome, e assim dizêmos *vejo-o*, *digo-a*, etc. Na epocha em que o *o* tinha ainda *l*, uma fôrma infinitiva como *dizer*, *amar*, etc., ao ter de ser seguida do pronome pessoal como complemento directo, devia ser *dizer-lo*, *amar-lo*, etc., como ainda em hespanhol moderno é *decir-lo*, *amar-lo*, etc. Isto não offerece dúvida alguma, pois que não havia outro modo de expressão para o pronome.

Mas é uma lei de phonologia portugueza que, em palavras de origem popular, o *r*, ou não pôde existir antes de *l*, ou só existe em determinadas circumstancias, — devendo no primeiro caso assimilar-se ao *l* ou experimentar ou-

---

<sup>1</sup> *Arte poetica*, v. 71-72.

tra modificação. Ora assim como de *mer'lus* (= lat. *merulus*) se fez MELLO, também de *dizer-lo* se fez *dizello* (que é como se lê nos livros antigos), reduzido depois a *dizelo*, ou *dizê-lo*, porque o *l* de *lo* é primitivo, já lá estava, e porque ninguém vae syllabar *di-zel-o*, mas sim *dizê-lo*.

Haverá nada de mais simples intelligencia do que isto? E comtudo a muitos professores repugna ainda tal explicação!!

Por tanto é erro escrever *dizêl-o*; a fórma correcta é só *dizê-lo*. E o mesmo raciocinio para *amê-lo*, *cumpri-lo*, *pô-lo*, etc. Homens sensatos como Herculano e Garret, conhecedores além d'isso da lingua archaica, escrevião já assim. Como eu, em tudo o que tenho dito, não me fundo nunca na *minha auctoridade*, como a seu respeito faz o sr. Figueiredo, mas *demonstro* tudo, ou com textos ou com raciocinios, aqui dou as provas. Em Herculano, *Historia de Portugal*, vol. I: *persegui-lo* <sup>1</sup>, *despoja-lo* <sup>2</sup>, *substitui-los* <sup>3</sup>, *conhece-la* <sup>4</sup>, *ve-lo-hemos* <sup>5</sup>, *tracta-la* <sup>6</sup>, *prende-lo* <sup>7</sup>, *disfarça-las* <sup>8</sup>, *po-la* <sup>9</sup>, etc. Por um motivo analogo, o mesmo historiador e philologo escrevia também: *no-lo* <sup>10</sup>. Agora em Garret,

<sup>1</sup> Pag. 211.

<sup>2</sup> Pag. 213.

<sup>3</sup> Pag. 214.

<sup>4</sup> Pag. 238.

<sup>5</sup> Pag. 238.

<sup>6</sup> Pag. 238.

<sup>7</sup> Pag. 247.

<sup>8</sup> Pag. 252.

<sup>9</sup> Pag. 262.

<sup>10</sup> Pag. 211, 231, etc.

*Camões*, 2.<sup>a</sup> ed.: *ve-lo*<sup>1</sup>, *desprezá-los*<sup>2</sup>, *seguilo*<sup>3</sup>, *amá-lo*<sup>4</sup>, *di-lo-hei*<sup>5</sup>, etc.

Os que affirmão que *dizê-lo* se deve escrever *dizêl-o* por causa de o *l* representar, no entender d'elles, o *r* de *dizer*, não attentão em que o *r* entre vogaes não se muda normalmente em *l*. Se o *l* de *dizê-lo* proviesse de *r*, devia haver na lingua mais casos como em *cara*, *para*, *hora*, *era*, *ver um homem* (onde o *r* fica tambem antes de artigo), e milhares de outros.

Como em nenhum d'esses o *r* se muda em *l*, e só se muda em circumstancias em que entra sempre o artigo (ou pronome), é além d'isso para suspeitar que a razão deve estar neste. Pôde-se-me dar como excepção a palavra *ralar*, que vem de *ralo*, fórmula popular de *raro* (lat. *rarus*), e a palavra popular *pírlula*, que vem de *pílula*, em ambas as quaes *r* corresponde a *l* intervocalico<sup>6</sup>; mas nestes casos o *r* tinha outro *r* ao pé, e é uma lei de phonologia portuguesa que, quando ha d'ois sons iguaes numa palavra, em certas circumstancias, um d'elles se supprime ou substitue (phenomeno a que se chama *dissimilação*): é por isso que de *registro*<sup>7</sup>, *rosto* e *rastro*, onde havia dois *r* — *r*, se fez res-

<sup>1</sup> Pag. 36.

<sup>2</sup> Pag. 43.

<sup>3</sup> Pag. 44.

<sup>4</sup> Pag. 57.

<sup>5</sup> Pag. 62.

<sup>6</sup> [Na 1.<sup>a</sup> ed. d'este opusculo eu tinha tambem indicado *lirio* a par do lat. *lilium*; mas hoje vejo em *lirio* um representante do lat. vulgar *\*liriu-* por *lirion*. O número das excepções diminuiu pois].

<sup>7</sup> Vid. o §. 18 d'estes artigos.

pectivamente *registo*, *rosto* e *rasto*, — onde houve supressão do *r*; é por isso que as palavras *ministro*, *vizinho*, *siringa* se pronunciação *menistro*, *vezinho*, *seringa*, — onde houve mudança de *i* em *e*. A última não se escreve até de outro modo, mas, como o mostra ainda o italiano *sciringa*, e o etymo *syringa*, ella tinha *i* na origem.

Se o sr. Figueiredo soubesse estas cousas, a que elle com tanta graça chama « prolixidades indigestas », não asseveraria com ares doutoraes que para escrever *dizêl-o* ou *dizê-lo* « ha razões de ambos os lados »!

O que se deu com *dizê-lo* deu-se com a expressão *pelo*, que vem de *per lo*, por meio da fórma archaica *pello*.

Nas fórmas verbaes como *dão-no*, *querem-no*, etc., o *n* provém igualmente do *l* primitivo, que, ao contacto da nasal precedente, se mudou em *n*, como a cima vimos succeder com *em no*, de *em lo*. É pelo mesmo motivo que na linguagem familiar se diz *não no vi*, *bem no vi*, etc., onde *no* está pelo archaico *lo*. Em documentos antigos lê-se tambem *non nos dê* (moderno *não os dê*), por ex. nos *Ined. de Hist. Port.*, v, 379.

Em *ei-lo*, *tráze-lo*, *condu-lo*, etc., não ha tambem mudança de *s* e *z* em *l*, mas vestigio do *l* do artigo, estando aquellas fórmas por *eillo*, *trázello*, *condullo*, de *eis-lo*, *trázzes-lo*, *conduz-lo* etc.; além da razão geral, que fica exposta, da existencia do *l* primitivo, tinhamos aqui, contra a mudança simples de *s* e *z* intervocalicos em *l*, o facto de nunca esse phenomeno se dar noutros casos.

Para completar o meu assumpto, passarei

a dizer como de *lo* e *la* archaicos sahirão *o* e *a* modernos.

É um facto da nossa lingua que o *l* intervocalico em portuguez experimenta syncope, em epochas muito antigas da lingua: assim do lat. *solus* sahiu arc. *soo*, mod. *só*; do lat. *mala* sahiu arc. *maa*, mod. *má*; do lat. *palus* sahiu *pau*; do lat. *salutare* sahiu *saudar*; do lat. *periculum* sahiu arc. *perigoo*, mod. *perigo*, etc., etc.<sup>1</sup> Ora expressões, como as actuaes *do*, *da*, *ao*, *aa*, *dos*, *das*, *aos*, *aas*, *ama-o*, *amava-a*, *ama-os*, *ama-as*, etc., erão, na epocha da existencia do *l* do artigo-pronome *lo* (*la*, *los*, *las*), respectivamente assim: *delo*, *dela*, *alo*, *ala*, *delos*, *delas*, *alos*, *alas*, *ámalo*, *ámala*, *ámalos*, *amavala*, etc., onde o *l* ficava entre vogaes, por tanto em condições de se syncopar, como nos exemplos latinos indicados a cima; da syncope resultarão pois *de o*, *de a*, *ao*, *aa*, *ama-o*, *amava-as*, etc.

Como os primeiros elementos de cada uma d'essas expressões, isto é, como *de*, *a*, *amava*, *ama*, etc., erão tambem ás vezes palavras independentes, considerárão-se *o*, *os*, *a*, *as* como

<sup>1</sup> [As excepções apparentes que ha a esta lei resultão, principalmente, de as palavras em que o *l* se conserva serem de origem litteraria, por ex. *solo*, *salutar*, etc. Sobre outros casos cfr. *Rev. Lusitana*, II, 180 (artigo do sr. G. Vianna) e 372 (artigo meu). Em *maldade*, e fórmas analogas, de *malitate*(m), o *l* não cahiu, porque, tendo-se syncopado o *i* protonico, aquelle não ficou entre vogaes. Em *sol* de *sole*(m), *sal* de *sale*(m), etc., apocopou-se o *e*, por o *l* poder formar syllaba com a vogal antecedente, e por tal motivo este deixou tambem de ser intervocalico. Em *filho*, de *filii*(m), e em palavras analogas, o *i* não é vogal, é semi-vogal. *Lisboa* formou-se de (O)l*i*s*i*p*o*n*a*l].

pronomes e artigos, e éstas fórmās tornárão-se depois typicas para todos os casos, ainda para aquelles em que adeante se seguia consoante: e em vez de *lo, la, los, las* começou a dizer-se sempre *o, os, a, as*.<sup>1</sup>

É curioso notar que em valachio o artigo feminino é *a* sem *l*, posto que o masculino seja *le, l*, e que em napolitano os artigos definidos são *u, a*, analogamente aos nossos.

A perda geral do *l* dos artigos portuguezes deu-se no periodo prehistorico da nossa lingua, pois já num documento manuscrito do sec. XII (anno de 1161), que achei na Torre do Tombo, vem *o, a*. E a pronúncia de *o* era já surda, pois em documentos que encontrei do mesmo seculo se escreve *u* por *o*.

Qual a razão porém por que se conserva o *l* e o *n*, em *vê-lo, pelo, tem-no*, etc.? Ella está, quanto a mim, em que algumas d'essas expressões se tornárão *phrases feitas* <sup>2</sup> e que outras se tornárão typicas.

Em relação a *pelo, vê-lo* (ver-lo), etc., havia ainda outra razão para que o *l* se conservasse: era que elle era duplo (*pello, vello*, como até muito tarde se escreveu), e o *l* só se syncopa quando singelo. Se na lingua antiga os dois *ll* entre vogaes não fossem ambos sensiveis (como em certos casos ainda hoje o são), não devia haver em português palavras taes como *gallo*,

<sup>1</sup> Sobre este ponto cfr. F. de Ovidio, *Manueletti d'introduzione aglj studj neolatini*, II, *Portoghese (e gallego)*, Imola 1881, pag. 16, not. 3; e J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, 1888, §. 130.

<sup>2</sup> Cfr. o §. 22-n.º 4.



*cabello, villa, golla*, etc., onde o *l* teria cahido como em *a lo* ou *alo* ao dar *ao*, como em *solus* ao dar *soo só*, etc.

Todavia devo dizer que hoje raro se escreve *não no* (escreve-se *não o*); pouco se usa *nalgum*, mas *em algum*; *no, neste*, etc. podem substituir-se por *em o*, *em este*, e igualmente *pelo* por *por o*; e até na linguagem de certos pontos do Alemtejo se vae a dizer *ves-o* por *vê-lo* (ves-lo).

Ainda como desenvolvimento do assumpto, apresentarei uma hypothese para explicar o *el* da nossa palavra *el-rei*, a qual tem muita antiguidade na lingua, como se prova pelos documentos, e pelo onomastico.

Muita gente suppõe que elle é de origem hespanhola, mas eu creio que elle póde ter tido origem em territorio português. Vejamos.

Para do lat. *illum* se chegar ao nosso archaico *lo*, devia passar-se por *ello*, onde depois o *e* cahiu (ficando *llo=lo*), como em *eno* ao tornar-se *no*, segundo o que se disse a cima. De facto, em dialectos antigos da peninsula apparecem *elo, ela, elas*, fazendo de artigos <sup>1</sup>. Em italiano archaico ha tambem *ello, ella*, etc. <sup>2</sup> Na epocha em que cá se dizia *ello*, querendo dizer-se *o rei*, havia pois de dizer-se *ello rei*; e como tal expressão se tornou uma *phrase feita*, como que crystallizando-se, por *ello* ser proclitico, e ella se referir a uma instituição de

<sup>1</sup> Vid. Gessner, *Das Altileonesische*, Berlim 1867, pag. 17-18.

<sup>2</sup> Vid. Diez, *Gram. des lang. rom.*, II, 12.

natureza estavel, qual era a realza na idade-média, as duas palavras forão consideradas como uma só, syncopando-se a vogal medial, como em analogas circumstancias succedeu com as phrases *al-cor* e *al-vez*, que a cima mencionei: do que ficou pois *ell-rei* (orthogr. ant.), *el-rei* (orthogr. mod.)<sup>1</sup>.

Apesar da concisão com que fui obrigado a escrever, pela falta de espaço, entendo que o sr. Figueiredo ficará plenamente convencido da nullidade das suas theorias.

## 25. Idiotismo

Fallando a pag. 201, de um *não* que apparece nuns versos, escreve o nosso A. que aquelle adverbio no tal caso «é verdadeiramente um *idiotismo* da lingua, mas que, não obstante, póde ter uma razão palpavel». Parece que o sr. Figueiredo pensa que os idiotismos não tem nunca razão de ser! Não a terão para quem souber pouco, como elle, mas podem tê-la para outros... — A palavra *idiotismo*, disse eu no §. 22 n.º 1 d'esta anályse, que era impropria. Aqui me justificarei.

Dá-se o nome de *idiotismo*, em grammatica (porque em medicina deve o sr. Figueiredo saber que a palavra importa uma qualificação terrivel!), já a certas incoherencias, reaes ou ap-

---

<sup>1</sup> Já Diez considerava *el* como commum ao hesp. e port.: *Gram. des lang. rom.*, II, 29-30; F. d'Ovidio, *Manueletti* supra-cit., pag. 21, vê no *el* um resto de um nominativo antigo.

parentes da grammatica, embora usadas, já a certas especialidades de linguagem. Mas, com relação ao primeiro caso, prefere-se a expressão *anacoluthia*, e outras, já adoptadas; em relação ao segundo, notarei que então tínhamos de chamar *idiotismo* a muitos mais phenomenos do que áquelles que assim denominamos, pois em qualquer lingua, comparada com outras affins, ha sempre muita cousa especial d'ella, sendo isso o que lhe dá individualidade, e constitue o que outr'ora se chamava o seu *genio*. Por outro lado ainda, para nós sabermos em absoluto se certos phenomenos são proprios só de uma lingua, precisavamos de saber todas as mais, o que se torna impossivel.

## 26. Restaurante

O A. propõe <sup>1</sup> que, em vez de *restaurant*, se diga *restaurante*, que é palavra nacional. Estou de accôrdo; mas já assim se usa no Norte, por exemplo no Porto, onde, neste particular, se mostra que se sabe mais portugûes do que em Lisboa.

## 27. Verbos EM -EAR E -IAR

Dá o sr. Figueiredo <sup>2</sup> esta regra: « nos verbos terminados em *ear*, como *senhorear*...., diz-

---

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 203.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pag. 204.

se *senhoreio*....; e nos verbos terminados em *iar*, como *fantasiar*.... diz-se *eu fantasio*.... ».

Assim é em these, mas a regra tem muitas excepções, pois geralmente não se diz por exemplo *eu remedio*, *eu odio*, mas *remedeio*, *odeio*, embora se escreva *remediar* e *odiar*. O sr. Figueiredo podia ter visto este ponto no *Essai de phonétique de la langue portugaise* do sr. Gonçalves Vianna, Paris 1883, pag. 38.

A razão está em que, como as terminações *-ear* e *-iar* tem actualmente o mesmo valor phonetico, houve confusão tambem na conjugação, e não podemos subtrahir-nos, sob pena de sermos alcunhados de exaggerados puristas, a certos usos estabelecidos. Cfr. a maxima horaciana que citei no §. 24 d'esta análise.

O sr. Figueiredo tem o defeito de apresentar as cousas em absoluto, sem se lembrar de que quasi tudo neste mundo é relativo... Entrarei em mais algumas explicações.

Na *Histoire de la littérature anglaise* de H. Taine, ha ésta boa observação: «Tous les deux cents ans, chez les hommes, la proportion des images et des idées, le ressort des passions, le degré de la réflexion, l'espèce des inclinations, changent» <sup>1</sup>. Tal mudança dá-se tambem no uso das palavras. O que numa epocha é regular, torna-se irregular noutra, e vice-versa. A principio *remedeio* e *odeio* seriam plebeismos grosseiros; hoje só excessivo purismo os repelle.

O proprio sentido das expressões se altera.

---

<sup>1</sup> Vol. iv, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 301.

O estudo das transformações do sentido das palavras até constitue actualmente uma quarta parte da grammatica, chamada *sematologia* ou *semantica*. Temos um bom exemplo na palavra CATURRA, que serve de cryptonymo ao sr. Figueiredo para elle mais desafogadamente impingir ao público as suas doutorices philologicas. Toda a gente conhece o significado moderno mais usual d'essa palavra; contudo em Moraes <sup>1</sup>, lê-se:

«Caturra, o bobo, chocarreiro, que se mette a bulha, e de quem se escarnece, para o afinar».

E ainda no *Diccionario Contemporaneo*, s. v.:

«Caturra, pessoa de opiniões extravagantes e ridiculas, teimosa e amiga de contradizer e questionar. Pessoa apegada aos usos antigos e a questões de nenhuma importancia».

Sem eu querer zombar do sr. Candido de Figueiredo, pois bem lhe basta o duro leito de Procrustes em que o tenho torcido e repuxado (rir-me d'elle em taes circumstancias seria o cumulo do sarcasmo!), ahi lhe deixo no emtanto este capitulo de sematologia, para sua meditação e estudo...

## 28. A graphia «ou» e «oi»

As razões do nosso A. tem esta fôrça. Diz <sup>2</sup> que escreve *oiro*, *coisa* etc., com *i* e não *u*, por-

<sup>1</sup> *Dicc. da ling. port.* (4.<sup>a</sup> ed., etc.), s. v.

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 205-206.

que acha essa pronuncia «mais natural (*sic!*) mais popular, e... diga-se tudo, mais democrata» (quer talvez dizer *democratica!* <sup>1</sup>). Mas logo, por curiosa contradicção, accrescenta que, quanto a escrever *oivir* e *oitro*, não se atreve! Mas se a questão é de democracia ou de vulgaridade, mais popular é *oitro* que *outro*, pelo menos na gente do Norte e nos Çaloios.

## 29. Dois «nn»

É também muito galante o seguinte. Tendo-se perguntado ao sr. Figueiredo o motivo de se escrever *Anna* com dois *nn*, e *Mariana* e *Luciano* com um só, o A. responde: <sup>2</sup> «Nisto de nomes, Crispim amigo, cada qual se chama como quer.... Não me pergunes pois a razão dos nomes proprios e dos appellidos, em portuguez».

Se assim é, não valia a pena escrever, como escreveu, um vol. de 300 paginas! Mas antes elle respondesse ao seu interlocutor que *Mariano* é só com um *n*, pois que vem do lat. *Marianus*, do radical de *Marius*, como *horatianus*, *sertorianus*, *vergilianus*, etc., e que *Luciano* é só também com um *n*, porque assim é em grego, d'onde provém, ao passo que *Anna* na sua origem é hebraico. Tres no-

<sup>1</sup> [Em virtude da minha correcção, o A. emendou na 2.ª ed.: cfr. *O galho depennado*, pag. 43].

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 213.

mes com origens tão diversas, que admira que se escrevão também diversamente?

O sr. Figueiredo parece que busca mais divertir o leitor com jocosidades do que instruí-lo. Ora assim elle tivesse sempre logica, como tem desejos de ser engraçado!

### 30. Descanso

Diz a pag. 238: « Escreve-se *descanço* e *descanso*. Prefiro aquellê ».

Mas porquê? Se o sr. Figueiredo soubesse que em hespanhol (lingua onde o *s*, em palavras communs á nossa lingua, tem a mesma origem que nesta) se diz *cansar*, e que a etymologia que se dá da palavra é o latim *quassare*, veria que devia, pelo contrario, preferir *descansar* a *descançar*, pois que *descansar* se compõe de *des* + *cansar*. Além d'isso, na nossa antiga litteratura a palavra *cansar* escreve-se com *s*: veja-se um exemplo adeante, no §. 35. E com *s*, não *ç*, se pronuncia no dialecto trasmontano, etc. <sup>1</sup>

### 31. S E Z

« Toda a gente sabe, ou deve saber, diz elle <sup>2</sup>, que o *s* só tem o valor de *z*, quando se acha entre vogaes ».

Mas isto não é assim, pois em *obsequio*, que

---

<sup>1</sup> [Em virtude da minha critica, o sr. Figueiredo na 2.<sup>a</sup> ed. das *Lições* não manifesta opinião sobre se deve ser *s* ou *ç*: cfr. *O gralho depennado*, pag. 44].

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 248.

vem do lat. obsequium, o s não está entre vogaes, e comtudo vale z!

Na mesma pag. manda escrever com z os deminutivos *homemzinho*, *mulherzinha*, etc., o que é justo, mas logo ensina que «*cãosinho* pode escrever-se com s, visto que esta letra fica então entre vogaes, e vale z».

Isto prova que o A. desconhece a historia dos nossos s e z, que é interessante, para quem a sabe, e que eu lhe exporia, se este artigo não fosse já tão longo. Notarei apenas que ha incongruencia na regra dada: pois se o som z que apparece no suffixo deminutivo de *animal-zinho* (i. é, *animal-zinho*) é o mesmo que apparece em *cãozinho* (i. é., *cão-zinho*), porque hade representar-se num caso por z e no outro por s? O A. que, como vimos no §. 24, quer que se diga *dizê-lo* principalmente para evitar excepções, não devia querer aqui uma tão flagrante!

### 32. Uns poucos de

O sr. Figueiredo diz que em expressões como «ha *uns poucos de dias*», etc., *não vê grammatica*, e manda que se substituam por outras como «aqui ha dias», etc.<sup>1</sup>

Que singular philologia esta, que condemna modos tão vulgares e tão vivos! Eu já num manuscrito do sec. xiv<sup>2</sup> leio: «nõ sendo *hũa*

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 264-265.

<sup>2</sup> *Codex alcobacense* n.º 244, na Bib. Nac. de Lisboa — fls. 91.



*pouca de queentura* que tynha no costado sees-tro» (*seestro* quer dizer *esquerdo*, do lat. *sinister*, acc. *sinistrum*).

Mal diria o velho monge d'Alcobaça, auctor ou copista do manuscrito, que, quinhentos annos depois, havia de vir condemna-lo irreligiosamente o sr. Figueiredo! E digo *irreligiosamente*, porque a tal *grammatica* que o nosso A. não vê, como diz, em *uns poucos de dias*, está naquella lei da *attracção*, de que fallei no §. 3 d'estes artigos.

### 33. Salla, falla

Segundo o sr. C. de Figueiredo, a palavra *sala* vem do allemão *Saal*, e por isso deve escrever-se só com um *l* <sup>1</sup>.

Mas *sala* não vem do allemão *Saal*, e sim da antiga fórma germanica *\*sala* <sup>2</sup>. Aquella fórma germanica corresponde o alto-allemão antigo e o medio *sal* <sup>3</sup>.

As palavras portuguezas, de data antiga, procedentes de origem germanica, não nos vierão do allemão, mas remontão ás linguas falladas no nosso territorio pelos povos germanicos do sec. v em diante, ou chegarão-nos por intermedio de outras linguas, como talvez succedesse com *sala*. Se *sala* viesse do allemão *Saal*

<sup>1</sup> Lições, pag. 266.

<sup>2</sup> Vid. Goldschmidt, *Zur Kritik der altgermanischen Elemente im Spanischen*, Lingen 1887, pag. 37; cfr. tambem Diez, *Et. Woert.*, I, s. v. *sala*.

<sup>3</sup> Vid. F. Kluge, *Etymologisches Woerterbuch*, Strassburg 1889, s. v. *Saal*.

não devia ser antiga na lingua, pois, como é sabido, o allemão moderno começa no sec. XVI; além d'isso devia o sr. Figueiredo explicar o motivo de haver em *sala* um *a* final, que não existe em *Saal*, e de ser feminina a nossa palavra, ao passo que a allemã *Saal* é masculina.

Precisa pois o sr. Figueiredo de estudar mais um pouco, e de ser mais rigoroso nos termos que emprega.

Na mesma pagina diz o nosso A. que muitos enfeitão *fala* e *fallar* com dois *ll*, «nem elles sabem porquê».

O sr. C. de Figueiredo é que o não sabe. Eu lh'o digo.

*Falla* vem de *fallar*; e *fallar* vem do lat. *fabulare* (correspondente a *fabulari*, que já nessa lingua tem as mesmas accepções da nossa palavra, ou semelhantes). De *fabulare* veio *\*fab'lare* e por fim *fallar*, onde o primeiro *l* representa, por assimilação, o *b*, — exactamente como succedeu em *taleira* ou *talleira*, de *\*tab'laria*, *tabularia*.

Comprehende agora o sr. Figueiredo o motivo pelo qual eu e outros escrevemos *falla* e *fallar* com dois *ll*?

#### 34. Boníssimo, santareno

Com toda a simplicidade affirma o A. que *bonissimo* se fórma de *bom*, e *santareno* de *Santarem*, e que comtudo se não escreve *bon* nem *Santaren*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Lições*, pag. 269.

Quanto a *Santareno*, esta fôrma nada tem, creio eu, com o *n* ou *m* final de *Santarem* (embora a origem esteja em *Sanct'Irene*, d'onde o escrever-se d'antes *Sanctarem*), pois me parece que ha nella o suffixo *-eno* que entra igualmente em *chileno* e *madrileno* (cfr. a fôrma popular *Madril*).

Quanto a *bonissimo* é erro dizer-se que vem de *bom*; para se formar este superlativo, recorreu-se ao radical latino de *bonus* (já em inscrições romanas *bonissima*), o que se prova com a existencia do *n*, que não pode provir do *m* de *bom*, onde não soa, e só faz que *bom* se pronuncie *bõ*. Do mesmo modo *sanissimo*, de *sanus* e não de *são*; *christianissimo*, de *christianus* e não de *christão*, etc., etc. São superlativos de formação erudita.

Isto é tudo muito elementar, sr. Figueiredo!

### 35. A fallar a verdade

Condemna o nosso A., de accôrdo com Silva Tullio <sup>1</sup>, ésta trivialissima expressão, e manda que se deve dizer *a fallar verdade*.

Ignoro as razões de tal sentença, tanto mais que em Gil Vicente, que conhecia melhor que os dois Caturras, Senior e Junior, a lingua litteraria e a popular do sec. xvi, achei:

Porém, *a fallar a verdade*,  
Já eu andava *cansadinha* <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Archivo Pittoresco*, III, 47.

<sup>2</sup> *Obras*, ed. Hamburgo, t. III, pag. 127.

Quantas vezes não ouvimos nós na aldeia : « ora, a fallar a verdade!... » E nisto de syntaxe, o povo dá muitas vezes quinau aos litteratos. Para a minha asserção não parecer exaggerada, pois que eu estudo com affecto a linguagem popular, aqui deixo outro testemunho. Na *Revista Contemporanea* <sup>1</sup> diz A. F. de Castilho que o português fallado no Minho é « português português ». E ninguem negará que Castilho possuisse a prática do nosso idioma vernaculo.

Note o A. que o *a* se emprega principalmente nesta expressão « a fallar *a* verdade »; e é nella que eu acho que está bem. Se se interpretar a phrase assim, « a verdade, a fallar », por « se a verdade fallar », *verdade* é sujeito, e *a* o seu artigo. Nada ha aqui estranho. Se se considerar *a verdade* como complemento directo, elle fica mais determinado com o artigo: *a verdade*, por opposição formal e emphatica a *a mentira*. Mas, seja qual for a explicação, o facto é que a expressão é boa e auctorizada.

### 36. Requiere

Porque alguém escreveu *requiere*, observou o sr. C. de F.: « *requerer* conjuga-se como *querer*; e, assim como Pedro *quer*, Sancho *requer* » <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> 1861, vi, 273.

<sup>2</sup> *Lições*, pag. 284. — [Em virtude da minha critica, o sr. Figueiredo substituiu na 2.ª ed. « conjuga-se » por « tem grande parentesco »; cfr. *O galho depennado*, pag. 44].

Mas como é que *requerer* se conjuga por *querer*, se se diz «eu *quero*» e «eu *requero*», «eu *quis*» e «eu *requeri*», etc?! Pois nem ao menos a simples grammatica prática?...

Agora a justificação de *requere*. Em Bernardes: «com a vontade integra que se *requere*»<sup>1</sup>, ainda que elle diga *quer*<sup>2</sup>. Em Arráiz: «e a dura fortuna *requere* soccorro»<sup>3</sup>. Não vale a pena citar mais exemplos.

Assim como o A. certamente não defende *val* por *vale* (do verbo *valer*), não deve condemnar *quere* e *requere*, tanto mais que ainda hoje se diz *quere-o*, *requere-a*, etc., o que prova a existencia antiga do *e*. O proprio Freire escreve: «antes de João de Barros se dizia... *quere*»<sup>4</sup>. Cfr. tambem o hesp. *quiere*.

Todavia não quebro armas nem pelo *quere* nem pelo *requere*. Quis só justificar com exemplos e razões essas fórmas.

Outra razão ainda é que o etymo de *quer* ou *quere* é o lat. *quaeri*(t), e o de *requer* ou *requere* o lat. *re-quaeri*(t), onde os *ü* finaes deram os *ee* das nossas palavras<sup>5</sup>.

O sr. Figueiredo ignora o passado da lingua,

<sup>1</sup> Nov. Flor., II, 54.

<sup>2</sup> *Ib.*, *ib.*, *ib.*

<sup>3</sup> Dialog., ed. 1589, fls. 2.

<sup>4</sup> Reflexões, II, 33.

<sup>5</sup> [O -e da fórmula archaica *quere* e *requere* apocopou-se em virtude d'esta lei: um -e final tende a cahir quando antes d'elle ha uma consoante que póde formar syllaba com a vogal antecedente. Ex.: *val*, de *vale*; *sol*, de *sole(m)*; *mo-lher*, de *muliere(m)*; *paz*, por *paç* (fórmula dialectal), de *pac(e(m))*; *mês*, do lat. vulg. *\*mese(m)*, = *mense(m)*, etc.].

e é por isso que não pôde explicar com acêrto o presente.

\*  
\*   \*  
\*

E por aqui terminarei a minha análise, com quanto eu tivesse ainda muito que respigar; porém ella já vae longa, e eu não pus a mira em fazer segunda edição do livro do sr. Candido de Figueiredo...

Assim como notei o mal, pede a justiça que eu note igualmente o bem. No livro ha em verdade um ou outro conselho aproveitavel. Estou de accôrdo, por exemplo, quando o A. censura o seguinte: *réclame* <sup>1</sup>, *cathegoria* com *h*, *theor* com *h*, *tradicção* com *çç*, *sachristão* e *christal* com *h*, *debutar*, *explosir*, *houveram homens*, *andasteis*, *recorda me de*, *limitamosnos*, *penivel*, *paga-se juro*, *receiar* e *passeiar* <sup>2</sup>, *fazer a Avenida* <sup>3</sup>, *sifflo* e *sifflar*, *púdica* (por *pudica*), *abordar uma questão*, *destacar* (por *especializar*, etc.), *costume* (por *trajo* <sup>4</sup>), *féerico*, *aprouvinha*, *adresse*, *flanear*, *menu*, *écran*, *abstracção feita*, *coser* por *cozer* <sup>5</sup>,

---

<sup>1</sup> Em Camões, canção xv da ed. da *Actualidade* ha *reclamo*.

<sup>2</sup> Fórmãs já condemnadas nas *Bases de ortograf. portuguesa*, Lisboa 1885, dos srs. G. Vianna e V. Abreu, pag. 14.

<sup>3</sup> Fóрма que já por outros tinha sido condemnada.

<sup>4</sup> Fóрма que já tambem tinha sido condemnada e explicada.

<sup>5</sup> São duas palavras diferentes: cfr. as cit. *Bases*, pag. 10.

etc. Acho também justo o que diz sobre *rabeca* e sobre nomes de localidades <sup>1</sup>, etc. Mas tudo isto são cousas muito faceis de corrigir.

A expressão *de ha muito* <sup>2</sup> foi melhor explicada pelo sr. Adolpho Coelho <sup>3</sup>, que viu o caso como elle é. O que o A. diz ácerca de *começar de* já tinha sido dito pelo sr. Coelho <sup>4</sup>.

A phrase «F. foi um dos homens que mais luctou», de que o A. falla a pag. 70, podia elle vê-la também já tratada por Francisco Antonio de Campos num jornal, hoje pouco conhecido, chamado *Pantologo* <sup>5</sup>, onde se ventilárão outras questões grammaticaes.

Os conselhos aproveitaveis que o sr. Figueiredo dá no seu livro, achão-se porém confundidos com tantos factos, e tão notaveis, em que falta a boa critica, que, para quem fôr leigo no assumpto e quiser estudar a serio, o livro póde ás vezes tornar-se mais prejudicial do que util. O A. não apresentou nunca as suas ideias á luz da philologia moderna nem da psychologia da linguagem, contentando-se com os antigos processos, e com as pretenciosas graçolas do seu estylo de luminarias. Creio ter provado isso superabundantemente.

Elle satisfaz-se ainda com remetter o leitor para Soares Barbosa, cardeal Saraiva, Leoni,

---

<sup>1</sup> Pag. 36-37.

<sup>2</sup> Pag. 120.

<sup>3</sup> *A lingua portuguesa*, Porto 1887, pag. 91.

<sup>4</sup> *Ob. cit.*, pag. 90, e noutros seus trabalhos anteriores.

<sup>5</sup> Anno de 1844, pag. 56, artigo assignado com o pseudonymo «Y».

isto é, para aquelles auctores que, no estado actual da sciencia, mais ideias erroneas podem ministrar a quem os ler desprevenidamente.

Como o A. raras vezes se justifica, os seus conselhos podem tambem não convencer quem os ler. Assim, quando elle diz que *teor* é sem *h*, por nada ter com *theoria*, melhor fôra que dissesse que vinha do lat. *tenor*, accus. *tenorem*, onde não ha *h* (cfr. fr. *teneur*); quando diz que *cristal* ou *crystal* é sem *h*, por nada ter com *Christo*, era preferivel buscar a razão no lat. *crystallum*, d'onde sahiu o fr. *cristal*, que póde ser a origem immediata da nossa palavra. Pois, por *teor* nada ter com *theoria*, nem *cristal* com *Christo*, não se segue que lá não pudesse haver *h*, por outro motivo! E da mesma maneira o mais.

Se o sr. C. de Figueiredo queria escrever uma obra amena, ninguem o impedia de que a escrevesse certa. Podia escrever com amenidade, mas ao mesmo tempo com gravidade que se impusesse, e sciencia que convencesse. Agora o que ninguem lhe exigia erão murchas flores de rhetorica em vez de factos averiguados, e pontos de exclamação em lugar de ideias firmes.

Em tudo o que deixo dito nas páginas antecedentes, eu tentei menos refutar uma obra de tão pouca importancia e alcance como ésta, do que aproveitar a occasião para, no escasso ambito das minhas forças (e já que outros mais auctorizados do que eu não vem, ou só poucas vezes vem, á liça da imprensa periodica), dar uma ideia rapida e geral do methodo que hoje



se emprega nas investigações philologicas, e da natureza da bibliographia que importa conhecer: d'aqui as minhas divagações, que sem ésta explicação poderião acaso parecer excessivas, e tambem o haver citado, ás vezes, muitas obras a proposito de factos leves.

Não tenho aspirações á infallibilidade: mas esforcei-me sempre por expôr a boa doutrina corrente, e por me justificar. No primeiro caso indiquei lealmente as fontes de que me servi, porque não costumo nunca dar como meu o que não reconheço por tal; para o segundo caso, juntei os factos que a minha observação e estudo me suggerirão. Não procurei armar ao effeito com intempestivas allusões pessoaes, insolencias, ou sophismas, nem tambem com facecias; isso é bom para quem não tem argumentos, ou se vê corrido.

Todo o meu empenho consistiu em apurar a verdade. Se aqui e além fui severo, ainda o podia ser mais!

Desejarei que o sr. Candido de Figueiredo se convença da sinceridade com que fallo, e não attribua a desconsideração para com os meritos litterarios que elle por ventura tenha noutros assumptos, o haver eu tentado empregar, na anályse que fiz da sua obra, algum justo rigor e cuidado. Eu por mim mais estimo a critica que mostra os erros e os emenda, do que estimo o louvor banal, inconsciente e por tanto nocivo.

Lisboa, Agosto de 1891.



## INDICE

---

- Accelte** ou **acceleito**. Ambas as fórmãs são vernaculas. Pag. 6-8.
- Aço**. Sua etymologia. Pag. 21 e nota 2.
- Adeus**. Formou-se de *a Deus*, do latim *deus*, que não provém do grego *θεός*. Pag. 11.
- Adur** (adverbio antigo). Sua etymologia. Pag. 9.
- Adverbios latinos em -e**. Pag. 9.
- A fallar a verdade**. Esta expressão é vernacula. Pag. 75-76.
- Alcooes**. É o plural de *alcool*. Pag. 35.
- Amiude** ou **a miudo**. Ambas estas expressões são vernaculas; a primeira provém da segunda. Pag. 8-9.
- Anacoluthia**. Pag. 67.
- Anthracinus** (adjectivo latino). Pag. 31.
- Artigo grammatical** (Origem do). Pag. 50-65.  
Não vem do grego: pag. 52;  
Não vem do latim *hic*: pag. 53;  
Vem do latim *ille* (*illu-*): pag. 54;  
*Lo*, fórmula antiga do nosso artigo: pag. 55;  
Origem de *no*: pag. 55-58;  
Como é que do archaico *lo* sahio o moderno *o*: pag. 63-64;  
O antigo artigo *el*: pag. 65-66.
- Artigos precedendo os nomes proprios**. Pag. 33-34.
- Assimilação** (em phonetica). Pag. 55.
- Atar**. Etymologia d'este verbo. Pag. 21.
- Attracção** (em syntaxe). Pag. 11 e 73.

**Baila.** Vid. *Balha*.

**Balha (trazer á).** Tão bom português é *trazer á balha* (antigo) como *trazer á baila* (moderno). Pag. 18-20.

Etymo de *baila*: pag. 20;

Etymo de *balha*: pag. 19-20.

**Benissimo.** Superlativo de formação erudita, e não tirado de *bom*. Pag. 75.

**Camisa.** Etymologia d'esta palavra. Pag. 21-22.

**Candido Lusitano.** Vid. *Vernaculidade*.

**Castro Lopes.** Auctor brasileiro, que escreveu antes do sr. Candido de Figueiredo um livro no mesmo tom do d'este. Vid. *Vernaculidade*.

**Caturra.** Transformação do sentido d'esta palavra, que significava *bobo*, etc. Pag. 69.

**Cerimonia.** É esta a fôrma correcta, e não *ceremonia*. Pag. 12-13.

**Ch.** Do do francês archaico conservado ainda hoje em palavras populares portuguezas. Pag. 22.

**Classicos** (Papel dos). Pag. 3-4.

**Condicional.** Origem d'esta fôrma verbal. Pag. 47.

**Crystal.** Motivo porque se deve escrever assim, e não *chrystal*. Pag. 78-80.

**Descanso.** Assim se deve escrever, e não *descanço*. Pag. 71.

**Desinquieta.** Pag. 31-32.

**Dezaseis.** Assim se deve dizer e escrever, e não *dezeseis*. Pag. 27-30.

**Dezôito.** Formação d'esta palavra. Pag. 28-29.

**Dissimilação** (em phonetica). Pag. 61-62.

**Dizê-lo.** Assim se deve escrever, e não *dizel-o*, pois é formado de *dizer-lo*. Pag. 59-60.

**Duarte Nunes do Leão.** Pag. 21.

**-e.** Lei da apocope do *-e*. Pag. 77, nota 5.

**-ear.** Verbos assim terminados, como *senhorear*. Pag. 67-69.

**Ei-lo.** Assim se deve escrever, e não *eil-o*, pois é formado de *eis-lo*, e não de *eis-o*. Pag. 62.

**El-rei.** O *el* é, segundo creio, um artigo antigo português, e não o artigo hespanhol. Pag. 65-66.

**-eno** (suffixo). Pag. 75.

**Epiphania Dias.** Apologia da *Grammatica portuguesa* d'este auctor. Pag. 14-17.

**Estar certo que.** Esta expressão é vernacula. Pag. 17-18.

**Etymologia.** Não é synonymo de *morphologia*; trata apenas da formação das palavras. Pag. 15.

**Etymologias:**

*aço*, pag. 21;  
*adúr*, pag. 9;  
*amiude*, pag. 8-9;  
*atar*, pag. 21;  
*baila*, pag. 19-20;  
*balha*, pag. 19-20;  
*camisa*, pag. 21-22;  
*excepto*, pag. 25;  
*falla*, pag. 74;  
*gentio*, pag. 51;  
*repertorio*, pag. 48;  
*sestro*, pag. 72;  
*taleira* (ou *talleira*), pag. 74.

**Euphonismo.** Pag. 44.

**Excepto.** Póde ter flexões de genero e de número. Pag. 24-25.

**Falla.** Razão dos dois *ll*. Pag. 74.

**Figuras de grammatica.** Pag. 37.

**Filynto Elysto.** Vid. *Vernaculidade*.

**Fórmās divergentes.** Pag. 51-52.

Bibliographia portuguesa do assumpto: pag. 52.

**Futuro grammatical.** Origem d'esta forma. Pag. 35-47.

Indicações bibliographicas: pag. 41;

Origem latina: pag. 38;

O futuro em romance: pag. 39-42;

Formação do nosso futuro: pag. 40-46;

Origem de *direi*, *farei* e *trarei*: pag. 42;

A chamada *tmese*: pag. 37, 44, 46 e 47.

**Gallicismos antigos.** Pag. 21-22.

**Gentio** (etymo de). Pag. 51.

**Germanismos.** Pag. 73.

**Grammatica.** Partes essenciaes de uma grammatica: *phonologia* (pag. 16), *morphologia* (pag. 15) e *syntaxe* (pag. 16), a que na grammatica historica se junta modernamente *sematologia* ou *semantica* (pag. 68).

**Grammatica (A) do sr. Epiphanio Dias.** Vid. *Epiphanio Dias*.

**H.** Desappareceu do latim vulgar, já pelos fins da Republica romana: pag. 53;

*h* parasita em palavra como *theor* (êrro por *teor*, etc.): pag. 78.

**Ha mais de.** Análise grammatical d'esta expressão: pag. 26.

Comparação com o latim: pag. 26, nota 2.

**-iar.** Verbos assim terminados, como *phantasiar*. Pag. 67-69.

**Idiotismo** (em grammatica). Pag. 37 e 66.

**Igreja.** Pag. 23-24.

**Infinitivo ligado com lo.** Vid. *Pronome*.

**L.** Lei do destino do *l* latino em português. Pag. 63 e nota 1.

**Labiæes.** Influencia d'ellas nas vogaes atonas:

a) em português, pag. 48-49;

b) noutras linguas romanicas, pag. 49-50.

**Linguagem popular.** Pag. 4-5 e 76.

**Littera.** A melhor orthographia em latim é *littera*, e não *litera*. Pag. xv, nota, do Prologo.

**Lo** ligado á fôrma do infinitivo. Vid. *Pronome*.

**Meio ou meios.** Tão vernaculo é *meia disposta* como *meio disposta*. Pag. 9-11.

**-mónia** (suffixo latino). Pag. 12.

**N.** Palavras com um *n*, como *Mariano*, ou com dois *nn*, como *Anna*. Pag. 70.

**Neste.** Formado por analogia com a fôrma *no*. Pag. 58-59.

**No.** Nas fôrmas como *dão-no*: Vid. *Pronome*;

*no*, traduzido hoje por *em o*: Vid. *Artigo*.

**Numeraes cardinaes.** Como se formárão em português e noutras linguas romanicas. Pag. 29-30.

**Orthographia.** Não é parte essencial de uma grammatica. Pag. 16.

**Ourina.** Pag. 22.

**Ou** (ditongo):

a) origem, pag. 22;

b) correspondente a *oi*, pag. 69-70.

**Pelo,** formado de *per lo*, e não de *por o*. Pag. 62 e 64.

«**Philologia**», volume da *Bibliotheca do Povo e das Escholas*. Crítica d'esta obra. Pag. 53, nota 2.

**Phrases feitas.** Pag. 20, 46 e 64.

**Proclise.** Pag. 57.

**Pronome:**

a) *lo* nas fôrmas como *dizê-lo*: pag. 59 e 64;

b) *no* nas fôrmas como *dão-no*: pag. 62 e 64.

**Prosodia.** Não é parte essencial de uma grammatica, é apenas um capitulo da phonologia. Pag. 16.

**Que.** Vid. *Estar certo que*.

- Quere.** forma antiga de *quer*. Pag. 77.
- Registo.** A origem immediata d'esta palavra é o archaico *registro*, cujo *r* se syncopou por dissimilação. Pag. 32.
- Repertorio,** forma litteraria; *reportorio*, forma popular. Pag. 47-50.
- Requere,** forma antiga de *requer*. Pag. 76-77.
- Restaurante.** Assim se deve escrever (de *restaurar*), e não *restaurant* (que é gallicismo). Pag. 67.
- Romanço.** Pag. 54.
- Rubrica.** Assim se deve dizer, e não *rúbrica*. Pag. 34-35.
- S E Z.** Não é indifferente escrever *s* ou *z*, ainda mesmo entre vogaes. Pag. 71.
- Sala.** Etymologia d'esta palavra. Pag. 73.
- Santareno.** Etymologia d'esta palavra. Pag. 75.
- Sematologia.** Parte da grammatica. Pag. 68.
- Si** (pronome). Póde empregar-se no tratamento familiar da 2.<sup>a</sup> pessoa. Pag. 13.
- Silva Tullio.** Vid. *Vernaculidade*.
- Superlativos de formação erudita.** Pag. 75.
- Teor.** Razão porque se deve escrever sem *h*. Pag. 78 e 80.
- Tmesc.** Vid. *Futuro grammatical*.
- Uns poucos de.** Expressão vernacula. Pag. 72-73.
- Urina.** Vid. *Ourina*.
- Vem aconselhando.** Expressão vernacula. Pag. 27.
- Vernaculidade.** Defensores d'ella:  
     Candido Lusitano, pag. 1, 2 e 5.  
     Filynto Elysio, pag. 1-2;  
     Silva Tullio, pag. 2;  
     Gastro Lopes, pag. XXIII do Prologo.
- Z.** Vid. *S*.
- zinho** (suffixo). Ê assim, e não *-sinho*. Pag. 71-72.

---

#### ERRATA

Pag. 63, linha penultima da nota: é *filii(m)* em vez de *filii(m)*.

0-38





